



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BRENDA TAINARA GADELHA CAVALCANTE
CAYLANE CAMPOS MARTINS

**CIDADANIA DIGITAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS
DOCENTES PARA ESTIMULAR O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO
5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DO USO DAS TELAS.**

**MACAPÁ-AP
2025**

BRENDA TAINARA GADELHA CAVALCANTE

CAYLANE CAMPOS MARTINS

**CIDADANIA DIGITAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS
DOCENTES PARA ESTIMULAR O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO
5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DO USO DAS TELAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Departamento de Educação da
Universidade Federal do Amapá para
obtenção do Grau de Licenciado em
Pedagogia, sobre orientação da profa. Dra.
Elda Gomes Araújo.

Área de concentração: Educação e
Tecnologia

**MACAPÁ-AP
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

C377c Cavalcante, Brenda Tainara Gadelha Cavalcante.

Cidadania digital na escola: percepções e práticas docentes para estimular o ensino-aprendizagem de alunos do 5º ano do ensino fundamental diante do uso das telas. / Brenda Tainara Gadelha Cavalcante, Caylane Campos Martins. - Macapá, 2025.

1 recurso eletrônico.

60 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Pedagogia, Macapá, 2025.

Orientadora: Dr.^a Elda Gomes Araújo.

Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Cidadania digital. 2. Práticas docentes. 3. Tecnologias educacionais. I. Araújo, Elda Gomes, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 371.3078

CAVALCANTE, Brenda Tainara Gadelha; MARTINS, Caylane Campos. **Cidadania digital na escola**: percepções e práticas docentes para estimular o ensino-aprendizagem de alunos do 5º ano do ensino fundamental diante do uso das telas. Orientadora: Dr.^a Elda Gomes Araújo. 2025. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Pedagogia. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2025.

BRENDA TAINARA GADELHA CAVALCANTE

CAYLANE CAMPOS MARTINS

**CIDADANIA DIGITAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES
PARA ESTIMULAR O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO 5º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DO USO DAS TELAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal do Amapá para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia, sobre orientação da profa. Dra. Elda Gomes Araújo.

BANCA AVALIADORA:

Prof.^a Dr.^a Elda Gomes Araújo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Benilda Miranda Veloso Silva
Avaliadora

Prof.^a Dra. Maria Nazaré do Nascimento Guimaraes
Avaliadora

Data da apresentação: 22 /04/2025

**MACAPÁ-AP
2025**

Dedicamos este trabalho a todos que, assim como nós, enfrentaram desafios ao longo da trajetória acadêmica, mas não desistiram. Aos nossos professores do curso de pedagogia, pelo conhecimento compartilhado, pela inspiração e por tornarem possível a concretização de sonhos que, em alguns momentos, pareciam inalcançáveis. E, sobretudo a nós, pela dedicação, esforço e resiliência diante dos desafios.

Brenda Tainara Gadelha Cavalcante

Caylane Campos Martins

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, saúde e sabedoria para concluir esta etapa tão importante da minha vida acadêmica.

Aos meus amigos e familiares, pelo apoio, paciência e incentivo ao longo dessa caminhada. Em especial, agradeço às minhas filhas Heloisa Vitoria e Maria Clara, por estarem sempre ao meu lado, compreendendo minhas ausências e me encorajando nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, professora Dra. Elda Araújo, por acreditar em nossa capacidade e por sua dedicação ao longo desta jornada. Seu conhecimento e orientação foram essenciais para a construção e aprimoramento deste trabalho.

Em especial, agradeço minha colega acadêmica Caylane que foi meu lado direito em todos os trabalhos acadêmicos realizados, sendo meu apoio incondicional nos momentos felizes e nos mais difíceis, sempre com incentivo, parceria e amizade.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero muito obrigada(o)!

Brenda Tainara Gadelha Cavalcante

Esta caminhada não teria sido possível sem o apoio de pessoas especiais, às quais dedico minha mais profunda gratidão.

Primeiramente a Deus, por iluminar meu caminho e me dar forças para continuar mesmo diante dos desafios.

Aos meus pais e familiares, pelo apoio e incentivo, por acreditarem no meu potencial. Agradeço especialmente à minha querida mãe, Carla que esteve sempre presente me motivando e me incentivando a alcançar meus objetivos

A minha companheira acadêmica, Brenda, pela parceria, apoio e paciência ao longo desta trajetória, e por estar ao meu lado em todos os momentos

A nossa orientadora, professora Dra. Elda Gomes Araújo por compartilhar seus conhecimentos e por nos orientar com atenção e paciência

Caylane Martins Campos

A tecnologia é só uma ferramenta. No que se refere a motivar as crianças e conseguir que trabalhem juntas, um professor é o recurso mais importante.

Bill Gates

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo investigar as práticas de cidadania digital no ensino fundamental, com foco no 5º ano, a partir das percepções dos professores sobre o uso das telas no processo de ensino-aprendizagem. As metodologias adotadas quanto aos procedimentos foram o estudo de caso por meio de uma abordagem qualitativa. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas áudio-gravadas com docentes e a coordenação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Ana Maria da Silva Ramos, além da observação, diário de bordo e questionário. Para analisar, compreender e interpretar os dados coletados foi utilizada a técnica da análise do discurso. Para este estudo foram utilizados como referencial teórico os autores como Lemos (2003), Lévy (1999), Neves (2010), Desmurget (2021), McCrindle (2014), Santaella (2004), entre outros. Os resultados apontam que, embora os professores reconheçam a importância das tecnologias para o desenvolvimento das habilidades dos alunos, enfrentam dificuldades relacionadas à formação continuada e à infraestrutura das escolas. A integração das tecnologias digitais no ensino requer uma formação pedagógica adequada para os docentes, além de políticas públicas que garantam o acesso e o uso responsável das ferramentas digitais.

Palavras-chave: Cidadania Digital. Tecnologias Educacionais. Ensino-Aprendizagem. Práticas Docentes. Era Digital.

ABSTRACT

This Final Course Work aimed to investigate digital citizenship practices in elementary education, focusing on the 5th grade, based on teachers' perceptions about the use of screens in the teaching-learning process. The methodologies adopted regarding the procedures were the case study through a qualitative approach. For data collection, semi-structured individual audio-recorded interviews were conducted with teachers and the coordinator of the Municipal Elementary School Teacher Ana Maria da Silva Ramos, in addition to observation, logbook and questionnaire. To analyze, understand and interpret the collected data, the discourse analysis technique was used. For this study, authors such as Lemos (2003), Lévy (1999), Neves (2010), Desmurget (2021), McCrindle (2014), Santaella (2004), among others, were used as theoretical frameworks. The results indicate that, although teachers recognize the importance of technologies for the development of students' skills, they face difficulties related to continuing education and school infrastructure. The integration of digital technologies into teaching requires adequate pedagogical training for teachers, in addition to public policies that guarantee access to and responsible use of digital tools.

Keywords: Digital Citizenship. Educational Technologies. Teaching-Learning. Teaching Practices. Digital Era.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.	CIDADANIA DIGITAL E EDUCAÇÃO: CONCEITOS ESSENCIAIS	14
1.1	O QUE É CIDADANIA DIGITAL?.....	14
2.	Cibercultura	16
1.2	Nativos digitais.....	18
1.3	Influência dos meios digitais	20
1.4	Papel do docente na era digital.....	23
1.5	Integrando a cidadania digital no conteúdo curricular	27
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.	ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADO DA PESQUISA	35
3.1	Experiência Docente E Formação Acadêmica	38
3.2	Uso e Aplicação das Tecnologias Digitais	39
3.3	Impactos da Tecnologia na Aprendizagem	41
3.4	. Cidadania Digital e o Papel da Escola.....	43
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE I	52
	APÊNDICE II.....	54
	APÊNDICE III.....	58
	APÊNDICE IV	60

1. INTRODUÇÃO

Considerando o cenário atual, onde inovações permeiam a história, é inegável que as novas tecnologias desempenham um papel crucial. A revolução tecnológica afeta a maneira de se comunicar, exigindo uma multiplicidade de recursos para que a comunicação seja efetiva, nota-se que diversos ambientes precisaram se adequar a este novo processo de comunicação e a educação não se manteve isenta desta mudança.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) apresentam tanto oportunidades quanto desafios para o processo educacional. Por um lado, tais facilidades podem oferecer novas formas de acesso ao conhecimento e estimulando a participação ativa dos alunos. Por outro lado, o uso inadequado ou excessivo das tecnologias pode prejudicar a concentração, a interação social e até mesmo o desempenho acadêmico dos estudantes e camuflar os diferentes tipos de perigos que podem surgir ao adentrar no espaço digital. Nesse contexto, o papel do docente é determinante na orientação dos alunos sobre o uso responsável das tecnologias digitais e na promoção de uma cidadania digital consciente.

No entanto, os profissionais da educação precisam ir além, especialmente considerando a diversidade crescente dos estudantes. Em um cenário onde a educação está passando por uma transformação, manifestada não apenas pelos avanços tecnológicos, mas também pela necessidade de adaptação a um mundo cada vez mais interconectado e complexo, é decisivo reconhecer o papel dos dispositivos móveis, especialmente os *smartphones*, que se tornaram onipresentes na atual geração. Eles não apenas oferecem facilidades de acesso a informações e recursos, mas também desafiam os educadores a repensarem suas abordagens pedagógicas para garantir a inclusão e o interesse de todos os alunos.

Diante do exposto, é fundamental que os profissionais da educação reconheçam a importância de uma integração harmônica das tecnologias digitais no processo educacional, especialmente, no contexto do ensino fundamental I. O uso de telas deve ser apenas uma parte de uma dieta equilibrada de atividades, o que reforça a necessidade de se considerar também momentos de interação social e atividades fora do ambiente virtual. Ao promover uma abordagem responsável e significativa, os educadores podem potencializar as oportunidades de aprendizagem, motivar os estudantes e prepará-los adequadamente para os desafios do mundo contemporâneo. Assim, a reflexão constante sobre o papel das tecnologias digitais no ensino-aprendizagem e a adaptação das práticas pedagógicas são essenciais para garantir uma educação de qualidade e relevância para as novas gerações.

O presente estudo tem como finalidade investigar como as percepções e práticas dos docentes em relação à cidadania digital na escola impactam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental diante do uso das telas, uma vez que, as TDICs estão, de certa forma, integradas no currículo e associadas às estratégias de ensino, aspecto que motiva os estudantes por aproximar as atividades de sala de aula ao contexto digital vivenciado por uma parte significativa dos estudantes.

Para alcançar esse propósito, foram definidos os objetivos específicos: (1) analisar como os docentes lidam com o uso das telas em sala de aula e de que forma isso reflete na prática pedagógica; (2) identificar estratégias adotadas para integrar o uso das telas no ensino e promover a cidadania digital; (3) examinar atividades lúdicas e interativas que envolvem as telas e seus efeitos na participação dos alunos; e (4) verificar os programas de formação e capacitação docente oferecidos pela escola sobre o uso pedagógico das tecnologias digitais.

A escolha desta temática justifica-se pela crescente presença das TDICs na educação e pela necessidade de preparar os alunos para um uso crítico, ético e responsável das tecnologias. A escola, como espaço formador, deve integrar as tecnologias digitais de maneira consciente, para que os alunos desenvolvam competências voltadas para a cidadania digital. Além disso, a pesquisa busca entender como os professores têm se apropriado dessas ferramentas e como as utilizam no cotidiano pedagógico.

O tema de estudo se destaca por sua relevância em diversos âmbitos. No contexto acadêmico, aborda definições sobre a presença das tecnologias digitais no ensino, trazendo novas perspectivas sobre a formação dos docentes para acompanhar tais mudanças. No plano social, busca promover o uso responsável das tecnologias entre crianças e adolescentes, prevenindo riscos como *ciberbullying*¹ e acesso a conteúdo impróprios. No campo político, a investigação contribui para o fortalecimento de políticas educacionais que capacitem os professores a integrar as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas práticas pedagógicas. Culturalmente, a pesquisa desencadeia a criação de uma cultura digital que prioriza o respeito e a ética nas interações online. Já no aspecto pedagógico, explora como as tecnologias podem ser incorporadas ao ensino de maneira eficaz.

A investigação foi realizada em uma instituição pública denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Ana Maria da Silva Ramos, localizada no bairro Jardim Marco

¹Ciberbullying: prática de agressão, intimidação ou assédio realizada por meio de dispositivos e ambientes digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas online, causando danos emocionais ou psicológicos às vítimas. Conforme a Lei nº 13.185, de 6 de julho de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), o ciberbullying é caracterizado como a intimidação sistemática ocorrida em ambientes virtuais (BRASIL, 2015).

Zero, em Macapá-AP, Brasil. Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, envolvendo professores do 5º ano do ensino fundamental como sujeitos da pesquisa. Para a coleta de dados, foram utilizados instrumentos como a observação, diário de bordo, questionário e entrevista semiestruturada.

Neste estudo entende-se que a conscientização das melhores formas de uso dos meios digitais parte da necessidade do conhecimento sobre os possíveis perigos e formas de utilização saudável que a criança pode observar ao adentrar no meio digital.

Este estudo está organizado em três seções. Na primeira, aborda sobre os conceitos norteadores, composta pelas seguintes subseções: Cidadania Digital, Cibercultura, Nativos Digitais, Influência dos Meios Digitais, Papel do Docente na Era Digital e Integrando a Cidadania Digital no Conteúdo Curricular.

A segunda seção trata sobre a Metodologia, descreve a trajetória da pesquisa e os procedimentos adotados. Na terceira seção, Análise dos Dados e Resultados da Pesquisa, expõe a análise a partir dos dados coletados, relacionando-os às referências teóricas e aos desafios enfrentados pelos docentes no uso das tecnologias digitais na educação. E conclui-se com as Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Apêndices.

1. CIDADANIA DIGITAL E EDUCAÇÃO: CONCEITOS ESSENCIAIS

1.1 O QUE É CIDADANIA DIGITAL?

Ao explorar o significado de cidadania digital é essencial, inicialmente, compreender o conceito de cidadania. Ao conduzir a pesquisa para abordar essa questão, observa-se que a cidadania está intrinsecamente ligada aos direitos, deveres e à participação da sociedade nos âmbitos político, civil e social. A cidadania, nesse contexto, alude a uma vida mais justa e democrática.

Nos estudos de Marshall (1967), a cidadania está associada, precisamente, ao privilégio de envolver-se na esfera política da sociedade. Partindo do ponto em que todos os indivíduos eram, teoricamente, livres e com a capacidade de desfrutar de direitos, a cidadania evoluiu através do aumento do conjunto de direitos que eles eram capazes de usufruir. Conforme o autor:

O elemento civil é composto dos direitos necessários à liberdade individual – liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento e fé, o direito à propriedade e de concluir contratos válidos e o direito à justiça. Por elemento político se deve entender o direito de participar no exercício do poder político[...] O elemento social se refere a tudo o que vai desde o direito a um mínimo de bem-estar econômico e segurança ao direito de participar por completo. (Marshall, 1967, p. 63)

Dessa forma cabe destacar que a cidadania engloba elementos individualistas e coletivos, ou seja, reconhece a dignidade do indivíduo, mas simultaneamente, reafirma o contexto social onde o indivíduo atua. Neves, (2010) ressalta:

A cidadania implica legitimidade e igual integração na sociedade, ou seja, inclusão, mas também participação. Há subjacente uma “ética da participação”, uma vez que, a cidadania é um estatuto *activo* e não passivo. O apelo à cidadania pressupõe reciprocamente deveres e obrigações e não apenas direitos. (Neves, 2010, p.151).

Agora que se alcançou a compreensão do conceito de cidadania, inicia-se a exploração do que constitui a cidadania digital. Ao inserir o qualificador "digital", está-se aludindo a uma nova faceta do cidadão, detentor de direitos e responsabilidades específicas no âmbito digital. Em virtude do notável avanço da internet e das mídias digitais, a sociedade experimentou uma tendência à individualização, enfrentando constantemente uma quantidade de informações prontamente acessíveis. As práticas diárias, quer sejam benéficas ou prejudiciais, são agora transpostas para o domínio virtual. De acordo com Neves (2010):

A “cidadania digital” é um conceito que parece sofrer da mesma ubiquidade que é atribuída à Internet: é uma expressão largamente utilizada pelos vários quadrantes da sociedade, sobretudo incessantemente pelo quadrante político. Isso evidencia que a ausência de interações físicas presenciais não impede a existência de respeito. Assim como na vida real, no ambiente digital, é crucial agir de maneira ética e responsável. Com esse propósito, estão sendo elaboradas leis para conscientizar sobre os perigos existentes e promover a segurança dos usuários nas redes midiáticas. (Neves, 2010, p. 149).

Diante deste conceito a autora destaca que, mesmo sem interações físicas presenciais, é possível cultivar respeito. Assim como na vida cotidiana, no ambiente digital, é essencial adotar comportamentos éticos e responsáveis. Assim como manifestações de racismo e preconceito ocorrem na vida real, a realidade virtual não se isenta dessas situações. Em vista disso, é imperativo conscientizar os novos usuários sobre os direitos e deveres que devem ser observados dentro das telas, considerando as consequências associadas às ações na internet.

Neves (2010), indica que devido à globalização da internet e das tecnologias, uma das tendências sociais na sociedade contemporânea é a manifestação do individualismo em rede. Esse fenômeno refere-se a comunidades dispersas no ambiente digital, conectando indivíduos sem se limitar às barreiras físicas do espaço. Essa configuração estabelece um novo paradigma nas relações sociais, centralizado no indivíduo, que tem a autonomia para escolher as redes nas quais deseja participar e definir os objetivos almejados por meio dessas escolhas.

A cidadania digital proporciona uma ampla gama de contribuições valiosas aos alunos, capacitando-os não apenas a compreender os riscos e desafios do mundo *online*, mas também a tomar decisões informadas e a proteger-se contra ameaças digitais de maneira eficaz. Além disso, ao utilizar tecnologias, os alunos desenvolvem habilidades essenciais para o século XXI. Ao adquirirem competências como a capacidade de buscar, avaliar e aplicar informações *online*, os estudantes se tornam proficientes em lidar com o vasto universo digital. A cidadania digital, nesse contexto, não apenas alerta sobre os perigos, mas também capacita os alunos a explorar ativamente o mundo virtual de maneira segura e eficaz.

Santaella (2024) explora temas que se conectam diretamente com a cidadania digital, concentrando-se em questões como dataficação, internet das coisas e o impacto das redes sociais na sociedade atual. A cidadania digital é apresentada como uma competência necessária para que os indivíduos compreendam suas responsabilidades no uso das tecnologias, participem ativamente nos ambientes digitais e enfrentem os dilemas éticos trazidos por essa nova era tecnológica.

Visto que implica em um conjunto de práticas e comportamentos responsáveis no uso das tecnologias digitais, envolvendo questões éticas, privacidade e segurança no ambiente online, bem como a participação ativa e crítica nas plataformas digitais.

2. CIBERCULTURA

Ao longo da história foram vivenciadas diversas mudanças nos diferentes ambientes sociais, culturais e econômicos. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, abriu-se espaço para outras maneiras de pensar e agir, resultando na abdicação de concepções antigas e na adoção de novos paradigmas voltados para a tecnologia e os espaços que nela estão presentes. Esse período pós-guerra marcou o início de uma era de avanços tecnológicos e transformações sociais sem precedentes, impulsionando o surgimento de novas formas de comunicação, interação e produção de conhecimento.

O surgimento dos computadores e diferentes dispositivos digitais, trouxe consigo a facilidade e a praticidade para a rotina cotidiana da sociedade contemporânea, inaugurando uma nova era cultural: a cibercultura. Segundo Lemos:

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). (Lemos, 2003, p. 11-12)

Por conta disso, vive-se a cibercultura de diferentes maneiras, todos os dias, tendo o presente marcado pela presença de dispositivos eletrônicos, smartphones, internet, fácil acesso a comunicação e diversas informações. Com a cibercultura houve a criação de um novo sub local denominado, ciberespaço. Para Santaella (2004, p.40), o ciberespaço deve ser entendido como “um mundo virtual global coerente, independentemente de como se acede a ele e como se navega nele”.

O ambiente virtual é formado pela interconexão de sistemas de computadores e redes de comunicação. Segundo Joon Ho Kim (2004):

O que chamamos de realidade virtual é a camada de interação sensível entre o homem e o ciberespaço. Mas as representações imagéticas da informação digital implicam uma descontinuidade entre aquilo que vemos e aquilo que realmente está por trás da simulação. A realidade virtual opera em dois sentidos, um que cria mundos sensoriais da informação digital e outro que trabalha ocultando a estrutura essencial e material do ciberespaço. (Joon Ho Kim, 2004, p.216).

É um espaço onde informações digitais são criadas, armazenadas, transmitidas ou acessadas por meio da internet e outras tecnologias de comunicação, um mundo que é apresentado ao usuário no momento que adentra a rede de internet.

Diante desse contexto sobre o mundo virtual Lévy (1999), afirma que a cibercultura está conectada ao virtual em duas vertentes de forma direta e indireta. De forma direta situa se a

digitalização de informações que aproxima ao mundo virtual, partindo desse ponto relacionando, Lévy (1999), diz que:

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e à distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. (Lévy, 1999, p.51)

A cibercultura, embora traga inúmeros benefícios e possibilidades de conexão e conhecimento, também apresenta uma série de perigos que merecem atenção. Entre os mais diversos, destacam-se questões relacionadas à segurança digital, como o roubo de dados pessoais e financeiros, invasões de privacidade e *cyberbullying*. Além disso, a disseminação de desinformação e *fake News* pode gerar consequências graves, afetando a credibilidade das informações e contribuindo para a polarização e conflitos sociais.

A facilidade de acesso a meios de informações e comunicação auxiliam diretamente na maneira que o ser humano interage com seus pares, porém há novos aspectos advindos com as mudanças tecnológicas, dentre eles se sobressai a necessidade constante em se estar conectado.

O vício em tecnologia e a exposição excessiva a conteúdos inadequados também representam ameaças à saúde mental, especialmente entre crianças e adolescentes, pois sem o acompanhamento necessário, o espaço virtual acaba se tornando um ambiente propício a enfrentar tais perigos. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria “O uso precoce, excessivo e prolongado das tecnologias durante a infância está associado a problemas como transtornos do sono, déficit de atenção, hiperatividade e sedentarismo” (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

Esses fatores, combinados com a falta de supervisão adequada, podem agravar problemas comportamentais e cognitivos, tornando-se essencial a conscientização sobre os perigos que o cidadão não embasado pelos seus direitos e deveres pode enfrentar ao adentrar sem os conhecimentos dos mesmos.

A convivência em um mundo digital, repleto de diferentes meios de comunicação, gera uma rica interação cultural entre os indivíduos. Essa troca constante não só molda as formas de expressão, mas também transforma os padrões de vida. A linguagem, sempre entrelaçada à sociedade, evolui à medida que novas tecnologias e plataformas surgem. Com isso, novos dispositivos e termos emergem, desafiados a se adaptar a essas mudanças.

Desse modo, o letramento digital se torna uma habilidade indispensável, especialmente para crianças e adolescentes. Não se trata apenas de saber usar dispositivos, mas de entender criticamente o que se encontra online. Ao desenvolver essa competência, os jovens podem navegar no universo digital de maneira mais consciente, reduzindo os riscos associados ao uso excessivo da tecnologia e contribuindo para um crescimento saudável em meio a um ambiente muitas vezes caótico.

1.2 NATIVOS DIGITAIS

Os "Nativos Digitais" são geralmente definidos como indivíduos que cresceram em um ambiente onde a tecnologia digital, como computadores, *smartphones*, a *internet* e mídias sociais, já estava amplamente disponível e integrada em suas vidas desde tenra idade. Segundo as descrições de Prensky (2001):

O termo "Nativo Digital" foi cunhado em 2001 pelo autor americano Marc Prensky. Em seu artigo "Nativos digitais, imigrantes digitais", Prensky define "nativos digitais" como jovens que cresceram cercados e usando computadores, telefones celulares e outras ferramentas da era digital. O autor afirmou que um ambiente digital muda drasticamente a maneira como os jovens pensam e processam informações, e até mesmo isso modifica suas estruturas cerebrais. (ECDLFoundation, apud Azevedo et al., 2018, p.620)

Os nativos digitais são caracterizados por sua familiaridade inata e habilidade para utilizar tecnologias digitais de forma intuitiva. Segundo Prensky (2001) essa nova geração é formada, especialmente, por indivíduos que não se amedrontam diante dos desafios expostos pelas TDICs e experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais. Para eles, o mundo virtual é tão natural quanto o mundo físico, e frequentemente demonstram uma destreza e fluência digital que pode surpreender as gerações mais velhas, uma vez que, estão crescendo em um ambiente onde a informação está disponível instantaneamente. Os nativos digitais desenvolvem uma mentalidade conectada e uma expectativa de acesso rápido e fácil à informação.

Outrora, as gerações eram definidas em intervalos de cerca de 25 anos. No entanto, nos dias de hoje, as mudanças ocorrem em um ritmo muito mais acelerado, afetando aspectos como relacionamentos familiares, dinâmica de trabalho, avanços tecnológicos e processos de aprendizagem. Especialistas observam que novas categorias geracionais estão surgindo a cada década, aproximadamente a cada 10 anos. Na pesquisa de Novaes (2018), há ênfase no trabalho de Viana et al. (2013), que explora o conceito de geração dentro do contexto da teoria

sociológica da década de 1950. Eles definem gerações como grupos de pessoas nascidas em um período específico, que compartilham identificação com tradições, cultura, eventos históricos e sociais do seu tempo de vida. Geralmente, essas gerações compartilham experiências, ideias, comportamentos, pensamentos e expectativas semelhantes. Segundo McCrindle (2014):

Definimos uma geração como um grupo de pessoas nascidas na mesma época, moldados pelos mesmos tempos e influenciados por os mesmos marcadores sociais em outras palavras, uma coorte unida por idade e estágio de vida, condições e tecnologia, eventos e experiências. (McCrindle, 2014, p.3)

Cada geração apresenta características distintas que refletem o contexto histórico em que vivem. Com o avanço da tecnologia, tornou-se possível observar de perto a evolução de cada uma delas. As gerações Y, Z e Alpha são particularmente influenciadas por esses avanços tecnológicos, sendo as mais imersas nesse ambiente digital.

Denominados como geração Y, os *millenials* são as crianças nascidas a partir dos anos de 1980, esta geração cresceu acompanhando o desenvolvimento das TDICs. Os *millenials* cresceram em uma época de rápidas mudanças tecnológicas, testemunhando a ascensão da internet e dos dispositivos móveis. Como resultado, são considerados uma das primeiras gerações digitais, com afinidade para utilizar tecnologia em suas vidas diárias. Esta proficiência tecnológica tem influenciado não apenas seus hábitos de consumo e comunicação, mas também suas expectativas em relação ao mundo do trabalho e à forma como interagem com instituições e autoridades.

Porém, ainda que imersos no desenvolvimento das tecnologias digitais, a geração Y não teve sua vida inteiramente rodeada por aparelhos móveis e mídias sociais diversas, com grande parte da sua vida sendo representada de maneira analógica.

A geração Z, nascida a partir do ano de 1990 a 2010, é caracterizada pela sua grande ligação com a tecnologia e a conectividade, crescendo em um ambiente onde a tecnologia é onipresente. Conscientes sobre as novas formas de comunicação, a geração Z é notavelmente presente no mundo virtual tendo domínio de redes sociais e aparelhos digitais como *smartphones*, *tablets*, computadores de mesa e *notebooks*, usando essas ferramentas para se comunicar, compartilhar experiências, e expressar sua identidade por meio das redes sociais. O constante fluxo de informações e interações digitais molda sua forma de se relacionar com o mundo, facilitando a multitarefa e a rápida troca de ideias e conteúdo. De acordo com McCrindle (2014):

A Geração Z, tendo usado tecnologia desde a mais tenra idade, integraram perfeitamente a tecnologia em quase todas as áreas das suas vidas, sendo conhecidos como integradores digitais. Eles estão crescendo em um mundo onde ocorrem 5,1

bilhões de pesquisas no Google por dia, 4 bilhões de visualizações no YouTube, mais de um bilhão de contas ativas no Facebook e mais de um milhão de aplicativos no iTunes e Loja de aplicativos. (McCrindle, 2014, p. 16)

O vínculo com a tecnologia apresentada por esta geração movimentada não apenas as relações familiares e sociais, mas todo o ambiente ao qual estão inseridos, o mercado de trabalho surge como um exemplo claro, no qual exige do trabalhador conhecimento em diversas áreas de comunicação, flexibilidade e capacitações diversas, tornando o conhecimento sobre a internet um componente obrigatório e não mais um diferencial.

Ainda seguindo com as gerações imersas no mundo virtual, se tem a geração Alpha, que são os filhos dos *millenials* e muitas das vezes os irmãos mais novos da geração Z. De acordo com o escritor e pesquisador australiano McCrindle (2014), descreve e nomeia a geração da seguinte maneira: “De XYZ a Alpha: Eles não são o fim da antiga ou a reciclagem da atual, mas o começo de algo novo – é por isso que são chamados de Geração Alpha”. Esta geração é caracterizada por ter nascido em um ambiente profundamente imerso na era digital, marcada pela onipresença da tecnologia e pela rápida evolução das mídias digitais. Segundo McCrindle:

Cientistas de todas as disciplinas usam o alfabeto grego como uma sequência de rotulagem e, como sociólogos ao nomear a próxima geração, também seguimos essa nomenclatura [...] os nascidos em todo o mundo entre 2010-2024, rotulamos de Geração Alpha (McCrindle, 2014, p. 220).

A geração Alpha, diferente das outras gerações, nasceram em um ambiente com diversos tipos de estímulos sensoriais, telas sensíveis ao toque, assistentes virtuais, brinquedos e jogos que desenvolvem a inteligência cognitiva e motora desde de muito cedo, iniciando-se muitas vezes antes dos três anos de idade, tendo assim a oportunidade de ser uma das gerações mais inteligentes e desenvolvidas. Mesmo possuindo diversos tipos de efeitos positivos, estar sempre hiper conectado a longo prazo pode acarretar diferentes perigos às crianças dessa geração.

1.3 INFLUÊNCIA DOS MEIOS DIGITAIS

O neurocientista Michael Desmurget, diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França, propôs a primeira síntese de vários estudos que confirmaram os perigos reais das telas e faz um alerta para graves consequências de não promover um uso crítico e consciente das tecnologias. Seus estudos estão baseados em 591 pesquisas científicas sobre a área digital. O autor traz questionamentos se de fato existem os nativos digitais ou se a mídia que através

do *marketing* está distorcendo a realidade. Em suas pesquisas, Desmurget (2021), aponta que os nativos digitais não existem, que foi uma crença coletiva criada para tranquilizar os pais, pois é muito mais fácil deixar as crianças em frente às telas do que se responsabilizar em oferecer a devida atenção e fins necessários para auxiliar o desenvolvimento da criança.

É importante mencionar três pontos relevantes, o primeiro: as crianças estão cada vez mais dedicando tempo excessivo e crescente em suas atividades digitais nas telas recreativas. Segundo, as regras dos meios digitais devem ser explicadas e justificadas para os menores que a utilizam, e como o uso incorreto vai trazer malefícios para sua saúde. Terceiro, o impacto prejudicial sobre o desenvolvimento cognitivo.

Cabe destacar os aspectos negativos que o uso das telas, sem o devido monitoramento gera diante das performances escolares, quanto mais utilizada a tendência de o desempenho do aluno cair é maior. As interações humanas também acabam recaindo, pois quanto mais tempo na frente dos aparelhos como *smartphones*, *tablets*, televisão ou vídeo *games*, ocasiona diminuição nas trocas intrafamiliares, enfraquecendo a qualidade e quantidade dos momentos compartilhados, gerando também o atraso no desenvolvimento da fala e habilidades sociais. Vale ressaltar que o uso das telas pode ter efeitos positivos quando usados de forma adequada e equilibrada. Como sustenta Desmurget (2021):

Dito de outra maneira, os conteúdos educativos de qualidade podem ter efeitos positivos no desenvolvimento da linguagem se funcionarem como suporte de interação com o adulto, mas estes efeitos são significativamente superior quando as telas não estão presentes. Simplificando as interações organizadas diante de uma tela são possíveis, porém menos ricas e substanciais que aquelas realizadas sem telas. (Desmurget, 2021, p.51)

No entanto, é relevante lembrar que a interação face a face e as atividades fora da tela também são essenciais para o desenvolvimento saudável da criança. O uso das telas deve ser apenas uma parte de uma dieta composta de atividades.

De acordo com o manual de orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), no qual aborda o uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas, tal documento foi elaborado por meio dos conhecimentos de médicos, pedagogos e professores, que ressaltam a importância do uso correto das tecnologias para que possa ocorrer de forma saudável tanto no desenvolvimento infantil como na adolescência. Partindo do conhecimento desses profissionais, mostra quão é importante para a formação do ser humano o compartilhamento de responsabilidades sobre a vida da criança, desde a equipe de saúde, passando pela família e chegando até o educador. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019):

Diante da relevância da interdisciplinaridade e do tempo em que as crianças permanecem nas escolas, entende-se que o papel do educador nas escolas é fundamental para a formação de um ser humano saudável. (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019)

Esse documento baseado em pesquisas científicas alerta que o uso das telas e juntamente com as mídias têm seus benefícios e perigos, no entanto as famílias e as instituições precisam se adaptar no sentido de diminuir os riscos do mau uso dessas ferramentas digitais.

Cabe destacar que a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), recomenda que os pais proíbam o acesso de crianças de até 2 anos de idade e imponham limites de uso até os 18 anos, sempre sob a supervisão. Aqui estão algumas recomendações de acordo com as idades segundo a SBP (2019):

Crianças de 2 a 5 anos devem usar telas por no máximo 1 hora por dia. Crianças de 6 a 10 anos devem usar telas por 1 a 2 horas por dia. Crianças de 11 a 18 anos devem usar telas por no máximo 3 horas por dia. (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019, p.2)

A exposição excessiva às telas tem se tornado uma preocupação crescente, especialmente na infância reconhecendo os riscos existentes, a Organização Mundial de Saúde (OMS), orienta que crianças de até cinco anos reduzam o tempo diante das telas e o substituam por atividades mais saudáveis, como brincadeiras ativas, interação social e momentos de leitura ou contação de histórias com seus cuidadores. Recomendações do uso de aparelhos eletrônicos de acordo com OMS:

Bebês (menos de 1 ano): Devem ser fisicamente ativos várias vezes ao dia, incluindo pelo menos 30 minutos em posição de bruços para os que ainda não andam. Não devem permanecer mais de uma hora seguidas em contenção (carrinhos, cadeiras, etc.). O uso de telas não é recomendado. Em momentos de inatividade, é preferível a leitura ou contação de histórias. O sono deve ser de 14 a 17 horas (0 a 3 meses) ou 12 a 16 horas (4 a 11 meses), incluindo cochilos.

Crianças de 1 a 2 anos: Devem realizar pelo menos 180 minutos de atividades físicas ao longo do dia. Não devem ficar restritas por mais de uma hora seguida. O uso de telas não é recomendado para crianças de 1 ano e, para as de 2 anos, deve ser limitado a no máximo 1 hora, sendo preferível a leitura ou contação de histórias. O sono deve ser de 11 a 14 horas, incluindo cochilos, com horários regulares.

Crianças de 3 a 4 anos: Devem ter pelo menos 180 minutos de atividade física diária, com pelo menos 60 minutos de intensidade moderada a elevada. Não devem ficar contidas por mais de uma hora ou sentadas por longos períodos. O tempo de tela não deve ultrapassar 1 hora. Em momentos de inatividade, a leitura ou contação de histórias é recomendada. O sono deve ser de 10 a 13 horas, podendo incluir cochilos, com horários regulares. (Organização Mundial de Saúde, 2025)

Por meio destas recomendações observamos a importância de garantir um desenvolvimento saudável para as crianças que envolve muito mais do que apenas limitar o tempo de exposição às telas. No contexto da Educação Básica, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é papel da escola orientar o uso consciente das tecnologias digitais,

promovendo práticas pedagógicas que articulem aprendizagem, ética e convivência responsável no ambiente virtual. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao incluir entre suas competências gerais o uso crítico e significativo das tecnologias, reforça a necessidade de formar estudantes aptos a exercer sua cidadania também no meio digital. Assim, mais do que controlar o tempo de tela, é essencial desenvolver práticas que integrem essas ferramentas ao processo de ensino-aprendizagem de forma reflexiva e formativa.

O equilíbrio entre o uso da tecnologia e as experiências no mundo real é essencial para que as crianças cresçam com hábitos saudáveis, ampliem seu conhecimento e desenvolvam habilidades que serão fundamentais ao longo da vida. Cabe aos adultos oferecer alternativas enriquecedoras e incentivar um ambiente que favoreça a aprendizagem e o bem-estar infantil. De acordo com Garcia e Marques (1990):

A infância é a idade das brincadeiras. Por meio delas, as crianças satisfazem grande parte de seus desejos e interesses particulares. “O aprendizado da brincadeira pela criança, propicia a liberação de energias, a expansão da criatividade, fortalece a sociabilidade e estimula a liberdade do desempenho. (Garcia e Marques 1990, p.11).

Logo, a brincadeira desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e no processo de aprendizagem. Através das brincadeiras, elas têm a oportunidade de descobrir o mundo ao seu redor, construir sua identidade, exercitar a autonomia e criar vínculos afetivos e sociais que são essenciais para seu crescimento. No entanto, o excesso de tempo diante das telas pode comprometer essas experiências fundamentais, limitando a interação, a criatividade e o aprendizado ativo.

1.4 PAPEL DO DOCENTE NA ERA DIGITAL

A docência na Era Digital está passando por uma transformação significativa, moldando a forma como educadores ensinam e alunos aprendem. A integração da tecnologia no ambiente educacional oferece oportunidades sem precedentes, mas apresenta desafios únicos. Um dos aspectos mais marcantes da docência na era digital é a disponibilidade de recursos e ferramentas *online*.

Professores no atual momento têm acesso a uma vasta gama de materiais educacionais, desde vídeos e simulações interativas até plataformas de aprendizagem *online* e aplicativos móveis. Isso permite uma personalização maior do ensino, atendendo às necessidades dos alunos e, oferecendo experiências de aprendizagem mais envolventes e diversificadas. Segundo Prensky (2001):

Os estudantes de hoje desde o jardim de infância até a faculdade representam as primeiras gerações a crescer com essa nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digital, câmeras de vídeo, celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Os formandos de hoje passaram menos de 5.000 horas de suas vidas lendo, mas mais de 10.000 horas jogando videogames (sem mencionar as 20.000 horas assistindo TV). Jogos de computador, e-mail, internet, celulares e mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas. (Prensky, 2001, p. 1)

As crescentes mudanças enfatizam a necessidade de adaptações, com a grande demanda do mercado de trabalho, o domínio sobre as ferramentas tecnológicas não se torna um diferencial, mas um pressuposto. Como alega Prensky (2001), os alunos de hoje pensam e processam informações fundamentalmente diferentemente dos seus antecessores. Essas diferenças vão muito além e mais profundamente do que a maioria dos educadores suspeitam ou percebem. É imprescindível o domínio de mecanismos diversos para a plena adaptação em sala de aula. O ambiente escolar deu espaço a ferramentas digitais, e os métodos tradicionais de ensino ficam cada vez mais obsoletos, dentro da sala de aula.

De acordo com Freire (1996), ao invés de buscarmos a dominação das tecnologias, devemos compreendê-las em sua totalidade, a fim de construir coletivamente o nosso modo de pensar e agir, contribuindo assim para dar sentido à existência e para produzir relações humanas mais significativas. Isto é, as tecnologias na educação precisam estar a serviço de relações e produções de reconhecimentos, ajudando na curiosidade epistemológica através da expressão criativa e cooperativa, oportunizando uma formação democratizada dos saberes. Diante desses interesses Freire (2000):

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje, tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado (Freire, 2000, p. 101-102)

Esta perspectiva motiva a exploração de novas reflexões sobre a necessidade de ampliar o pensamento crítico em relação às tecnologias, buscando abrir caminhos para uma maior compreensão dos outros e dos desafios ligados ao reconhecimento social. Afinal, a habilidade e o interesse em relação às tecnologias representam conhecimentos essenciais para a prática educacional.

O professor, portanto, deve atuar como um mediador do conhecimento, promovendo o uso crítico e reflexivo das tecnologias em sala de aula. Isso implica não apenas a adoção de ferramentas digitais para diversificar as estratégias de ensino, mas também a criação de

ambientes de aprendizagem colaborativos, que incentivem a autonomia e o protagonismo dos alunos.

É importante destacar que embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) seja um documento de referência para a educação brasileira, é válido questionar se sua implementação tem sido eficaz em todas as escolas, considerando as diferenças de realidade e estrutura entre elas. A competência cinco da BNCC, que trata do uso das TDICs, pode ser particularmente desafiadora para algumas escolas. Muitas instituições de ensino ainda não possuem infraestrutura adequada, como laboratórios de informática bem equipados, o que pode dificultar a aplicação prática. A competência cinco que aborda o tema cultura digital destaca:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017)

Entretanto, é importante refletir quanto a formação que os professores estão recebendo para utilizar efetivamente as ferramentas digitais em suas práticas pedagógicas. A formação docente é um elemento crucial para garantir que a BNCC seja implementada de maneira eficaz. Dessa forma, é imprescindível que a aplicação da BNCC seja acompanhada de políticas públicas que considerem as especificidades locais e provocam ações de suporte e investimento para que todas as escolas possam, de fato, concretizar as competências previstas no documento. Caso contrário, corre-se o risco de que a BNCC permaneça como um instrumento normativo idealizado, mas distante da prática cotidiana em boas partes das instituições de ensino no país. Na perspectiva de Desmurget (2021):

Um professor qualificado é mais eficaz, pois é exatamente esta a função do “professor” ordenar e ajustar seu campo de conhecimento de modo a torná-lo acessível ao aluno. É porque o professor conhece sua matéria (e as ferramentas pedagógicas de sua transmissão) que ele pode guiar alguém, organizando de forma metódica a sucessão das aulas, exercícios e atividades que vão permitir a aquisição progressiva dos conhecimentos e competências desejados. (Desmurget, 2021, p.104)

Logo, é importante enfatizar que a integração das tecnologias digitais no ensino não é apenas sobre usá-las como ferramentas para facilitar o aprendizado ou estimular o envolvimento dos estudantes. É essencial que sejam feitos investimentos adequados em infraestrutura e formação docente para garantir que todas as escolas e alunos possam se beneficiar plenamente. Segundo a lei de nº 14.533 de 11 de janeiro de 2023, estabelece a política nacional digital, de acordo com o Art.3º

O eixo Educação Digital Escolar tem como objetivo garantir a inserção da educação digital nos ambientes escolares, em todos os níveis e modalidades, a partir do estímulo ao letramento digital e informacional e à aprendizagem de computação, de

programação, de robótica e de outras competências digitais, englobando. (Brasil, 2023).

Por lei, a educação digital deve conter uma série de requisitos fundamentais para o seu funcionamento correto, uma realidade que não condiz com as necessidades enfrentadas pelos alunos.

O letramento digital vai muito além do simples uso de tecnologias. Envolve a capacidade de interagir de forma crítica e reflexiva com as informações disponíveis no ambiente digital, entendendo seus contextos e produzindo conteúdos de maneira ética e responsável. Ao mesmo tempo, o aprendizado de computação, programação e robótica não se limita ao domínio técnico dessas ferramentas; estimula o desenvolvimento de habilidades importantes, como o raciocínio lógico, a capacidade de resolver problemas e a criatividade.

Porém, mesmo com os avanços trazidos por essa política, ainda existe uma distância considerável entre o que está previsto na legislação e o que, de fato, acontece no dia a dia das escolas. A lei estabelece requisitos essenciais para que a educação digital funcione bem como a oferta de infraestrutura tecnológica, a formação contínua dos professores e a construção de currículos que integrem as competências digitais. No entanto, essas exigências muitas vezes esbarram em obstáculos concretos. Entre os principais desafios, destacam-se a falta de equipamentos adequados, as falhas na conectividade das escolas especialmente em áreas mais afastadas ou vulneráveis e a falta de preparo dos professores para incorporar as tecnologias de forma eficiente em suas práticas pedagógicas.

Além disso, as desigualdades sociais e econômicas acabam ampliando o chamado fosso digital, dificultando que muitos estudantes tenham acesso às condições mínimas necessárias para desenvolver as competências previstas na lei. Por isso, embora a legislação seja um avanço importante ao reconhecer a educação digital como um direito e uma estratégia fundamental para fortalecer a cidadania, sua efetivação plena ainda depende de políticas públicas complementares, investimentos em infraestrutura e práticas pedagógicas alinhadas às necessidades e desafios do século XXI.

A cidadania digital é importante para garantir que a internet e outras tecnologias digitais sejam utilizadas de maneira segura e responsável, evitando danos à privacidade, à segurança e à reputação das pessoas. Além disso, a cidadania digital contribui para a formação de uma sociedade mais informada, crítica e participativa.

A maneira como os professores e alunos empregam os recursos tecnológicos disponíveis no ambiente escolar é um reflexo da abordagem utilizada para o ensino e

aprendizagem em sala de aula. Em outras palavras, a prática educacional é demonstrada por meio da utilização desses recursos durante as aulas.

1.5 INTEGRANDO A CIDADANIA DIGITAL NO CONTEÚDO CURRICULAR

Atualmente todos estão suscetíveis a se tornarem pessoas conectadas, devido às ferramentas digitais proporcionarem alguns benefícios para facilitar suas vidas no dia a dia, como por exemplo acelerar trocas de informações e fomentar novas relações pessoais e profissionais.

O mau uso das telas pode produzir um efeito gravíssimo na saúde da população e principalmente na vida de crianças, jovens e adolescentes. O *bullying* antes limitado a ambientes físicos, se estendeu para o ambiente virtual e gerando assim o *cyberbullying*. Uma nova lei foi aprovada no congresso que inclui o *bullying* e o *cyberbullying* como crime previsto no código penal. Visto que os jovens e adolescentes estão entre os principais causadores e vítimas do *cyberbullying* por diversas razões. Uma dessas causas é a exposição íntima nas redes sociais como Instagram e TikTok, ambas têm a opção de comentar na foto ou vídeo publicado. E os comentários gerados ali podem ser negativos ou positivos, o que pode provocar uma série de consequências tanto para quem posta ou comenta. A nova geração de nativos digitais, está fazendo o uso dessas mídias sem nenhum tipo de filtro ou critérios, sem a preocupação de que isso não irá gerar consequências na vida real. Com isso a lei nº 14.811, de 12 de Janeiro de 2024 ressalta:

Art. 146-A. Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais: Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave. (Brasil, 2024)

Essa lei é um passo importante na proteção contra a intimidação e o *bullying*, reconhece a gravidade de comportamentos sistemáticos de agressão, tanto físicos quanto psicológicos. Ao abordar a questão da violência de forma abrangente, incluindo formas de discriminação e ações virtuais, a legislação busca coibir práticas nocivas que afetam a dignidade e o bem-estar das pessoas. A imposição de multa como penalidade também sinaliza que esses atos não serão tolerados, reforçando a necessidade de um ambiente mais seguro e respeitoso para todos.

O Ministério da Educação lançou no dia 24 de agosto de 2024 um documento chamado Saberes Digitais Docentes. O documento apresenta um referencial de competências digitais

para professores, organizado em cinco níveis de desenvolvimento: Iniciante, Familiarização, Adaptação, Integração e Liderança. Essas competências cobrem diversas áreas, como a aplicação de tecnologias na prática pedagógica, a curadoria e criação de conteúdos digitais, a análise de dados educacionais e a inclusão de práticas pedagógicas, além de estimular o uso ético, seguro e crítico das ferramentas digitais.

O texto também destaca a relevância da formação continuada dos docentes, promovendo o uso de recursos digitais para a gestão de tarefas administrativas e pedagógicas, e incentivando a colaboração entre professores por meio de comunidades de aprendizagem *online*. Cada nível visa apoiar os educadores no aprimoramento de suas habilidades digitais, fomentando um ensino mais inovador, inclusivo e seguro, ao mesmo tempo que fortalece o envolvimento dos alunos no ambiente digital.

Durante a Pandemia de COVID-19, a educação continuada para professores adquiriu uma importância renovada. O fechamento das escolas e a transição para o ensino remoto evidenciaram o quanto muitos educadores não estavam preparados para lidar com as ferramentas digitais que se tornaram essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. A falta de domínio sobre as tecnologias expôs a necessidade urgente de que a formação docente não termine na graduação, mas se mantenha atualizada ao longo da carreira, adaptando-se às novas demandas.

No contexto da pandemia, os professores enfrentaram uma série de desafios, como o aprendizado acelerado do uso de plataformas digitais, a exemplo de *Google Classroom*, *Zoom* e *Microsoft Teams* e *Google Meet*. Esses desafios muitas vezes ocorreram sem o suporte técnico adequado, o que gerou insegurança e dificuldade em integrar os alunos no ambiente virtual. As dificuldades enfrentadas iam das mais simples como utilizar o e-mail para envios de trabalhos, as mais complexas como a integração dos alunos e aulas virtuais gravadas.

A pesquisa de Nonato e Cavalcante (2022) expôs a fragilidade da formação continuada dos docentes no Brasil durante a pandemia, demonstrando que muitos professores não estavam preparados para o uso das tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas. Segundo os autores:

A necessidade de utilizar tecnologias digitais para a mediação pedagógica de modo tão abrupto expôs violentamente o fosso que separa o uso social das tecnologias digitais nos mais diversos setores da sociedade e o lugar que elas ocupavam na vida dos sujeitos da educação brasileira" (Nonato & Cavalcante, 2022, p. 21).

Além disso, o estudo também revelou que a experiência anterior dos professores com tecnologias desconexas das exigidas pelo ensino remoto emergencial, foi um dos maiores

obstáculos enfrentados para a construção de estratégias pedagógicas eficazes durante a pandemia (Nonato & Cavalcante, 2022). Tal constatação reforça a importância da educação continuada para a adaptação dos professores às novas realidades tecnológicas.

Dessa forma a educação continuada, surge como um mecanismo fundamental para que os docentes possam desenvolver suas habilidades tecnológicas e explorar o potencial dessas ferramentas para transformar suas práticas pedagógicas.

O documento "Saberes Digitais Docentes" aborda a importância da cidadania digital na educação, ressaltando como o uso ético e responsável das tecnologias digitais pode ser promovido no ambiente escolar. Ele sugere que a formação de professores seja direcionada para o uso pedagógico intencional das ferramentas digitais, integrando conteúdos curriculares, competências e habilidades essenciais para a era digital.

A cidadania digital é essencial para garantir que alunos e professores compreendam os aspectos éticos e legais do uso da tecnologia. Isso inclui a proteção de dados, a privacidade e o comportamento responsável online. O documento propõe que os profissionais da educação sejam capacitados para ensinar os alunos a utilizarem as tecnologias de forma crítica, avaliando a credibilidade das informações e evitando a disseminação de conteúdos prejudiciais, como o *cyberbullying*.

Os professores desempenham um papel fundamental na promoção de um uso responsável das tecnologias, incentivando práticas como o respeito aos direitos autorais, a conscientização sobre os impactos do uso excessivo de telas na saúde mental e o equilíbrio entre atividades *online* e *offline*. Além disso, os educadores podem ser líderes na criação de materiais que orientem a comunidade escolar sobre segurança digital e uso consciente das tecnologias.

É importante destacar que, em 2022, foi lançado um complemento à BNCC com o intuito de introduzir a tecnologia na vida das crianças desde a educação infantil. O documento, chamado "Computação", oferece diretrizes para todas as fases da educação básica. Com 75 páginas, ele apresenta habilidades obrigatórias para cada etapa da educação, organizadas em três principais eixos: Pensamento Computacional, Mundo Digital e Cultura Digital.

Com a expansão dos *smartphones*, o uso de aparelhos eletrônicos no ambiente escolar tornou-se um assunto amplamente discutido por educadores, pais e especialistas. Embora a tecnologia traga inúmeras oportunidades para o processo de aprendizagem, seu uso excessivo desperta preocupações quanto à distração, à dificuldade de concentração e até mesmo ao desenvolvimento social de crianças e adolescentes. Diante desse cenário, diversos países e estados têm buscado formas de regulamentar o uso da tecnologia nas escolas, visando um equilíbrio entre seus benefícios e desafios.

Nesse contexto, no início de 2025, o Brasil implementou uma nova diretriz para o ensino básico: a Lei nº 15.100/2025. Essa legislação limita o uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos portáteis durante o período escolar, incluindo aulas e recreios, permitindo sua utilização apenas em situações pedagógicas, de acessibilidade ou saúde. A medida reacendeu discussões sobre o impacto da tecnologia na educação e a importância do papel dos professores na mediação do aprendizado digital.

Enquanto a Base Nacional Comum Curricular incentiva o uso da tecnologia como ferramenta de aprendizado, a nova lei impõe restrições ao seu uso, exigindo que as escolas e professores encontrem um meio-termo para garantir uma educação inovadora, mas sem excessos prejudiciais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresenta-se os procedimentos metodológicos que foram utilizados para execução da pesquisa. Com objetivo de analisar, descrever e explorar as metodologias utilizadas na sala de aula sobre o uso consciente das telas.

Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, optou-se pela pesquisa estudo de caso. Trata-se de uma metodologia de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais e humanas, que permite uma investigação detalhada e profunda de um fenômeno específico dentro de seu contexto real.

De acordo com Yin (2016), o estudo de caso é particularmente útil quando o objetivo é explorar "como" e "por que" certos eventos ocorrem, sendo adequado para estudos que envolvem questões complexas e multifacetadas. Essa abordagem é valorizada por sua capacidade de integrar múltiplas fontes de evidências, como entrevistas, observações e documentos, proporcionando uma compreensão rica e contextualizada do objeto de estudo. Por outro lado, Stake (2006) enfatiza que o estudo de caso é uma estratégia investigativa que possibilita ao pesquisador captar as peculiaridades de uma situação específica, permitindo a análise de particularidades que outros métodos quantitativos poderiam deixar passar. Ao combinar as perspectivas desses dois teóricos, pode-se afirmar que o estudo de caso oferece um caminho robusto para o aprofundamento em fenômenos complexos, tornando-se uma escolha metodológica fundamental para pesquisas que buscam entender as dinâmicas intrínsecas de contextos educacionais específicos.

A pesquisa foi realizada por meio de estudo de caso que se destaca como uma metodologia capaz de oferecer uma análise detalhada e contextualizada das práticas pedagógicas em uso.

Segundo Severino (2013), que destaca a importância de selecionar um caso de pesquisa que seja relevante e representativo, capaz de fornecer uma base sólida para generalizações em situações semelhantes, permitindo inferências válidas. Enfatizando a necessidade de coletar e registrar dados com precisão, seguindo os procedimentos adequados para a pesquisa de campo. Além disso, Severino ressalta a importância de uma análise rigorosa dos dados, que deve ser apresentada em relatórios qualificados.

Para a realização desta pesquisa definiu-se como o lócus de investigação uma escola pública de ensino fundamental, localizada no bairro periférico da cidade de Macapá – AP, optou-se por delimitar o campo de observação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Ana Maria da Silva Ramos, localizada na Rua Inspetor Aimoré, no bairro do Zerão.

68903-290, Macapá-AP. Nessa instituição de ensino de educação básica há o funcionamento das etapas de formação de Ensino Fundamental e EJA - Educação para Jovens e Adultos.

O estudo foi feito por meio da abordagem qualitativa, centrando-se na análise aprofundada dos fenômenos sociais, com ênfase na compreensão dos significados e particularidades presentes nas experiências dos sujeitos. Essa metodologia é essencial para captar as dimensões culturais, as representações e as práticas que permeiam o contexto investigado.

Como aponta Severino (2007), a pesquisa qualitativa permite explorar a realidade em sua complexidade, valorizando as interpretações e significados atribuídos pelos indivíduos ao seu ambiente social. Isso significa que a pesquisa qualitativa busca entender como as pessoas percebem e interpretam sua realidade, em vez de apenas descrever ou medir fenômenos de maneira superficial.

De acordo com o autor Yin (2016), não existe uma definição única para a pesquisa qualitativa, porém, o autor caracteriza a mesma considerando cinco tipos de ação: a primeira é investigar o significado da vida das pessoas em situações do cotidiano; segundo representar as opiniões e perspectivas das pessoas participantes do estudo; terceira considerar as condições contextuais que influenciam a vida das pessoas; quarta contribuir com descobertas relacionadas a conceitos existentes ou emergentes que vão auxiliar para compreensão do comportamento social humano; quinto utilização de múltiplas fontes de evidências ao invés de depender apenas de uma única fonte. Sendo assim de acordo com Yin (2016):

A variedade provavelmente será uma decorrência de você ter que estudar um ambiente da vida real e seus participantes. A complexidade do ambiente de campo e a diversidade de seus participantes provavelmente justificam o uso de entrevistas e observações e mesmo a inspeção de documentos e artefatos. As conclusões do estudo tendem a se basear na triangulação dos dados das diversas fontes. (Yin, 2016, p. 31)

Corroborando essa visão, Flick (2009) argumenta que a abordagem qualitativa é essencial quando se busca uma compreensão detalhada e holística dos fenômenos estudados. Flick (2009), destaca que esse tipo de pesquisa é especialmente eficaz na investigação de processos sociais, pois permite ao pesquisador captar as diversas facetas de uma realidade em constante transformação. Em vez de buscar regularidades universais, a pesquisa qualitativa valoriza as interpretações e as narrativas individuais, proporcionando uma visão rica e contextualizada dos fenômenos sociais.

Assim, a abordagem qualitativa se configura como uma ferramenta valiosa para estudos que visam explorar em profundidade as experiências e percepções dos sujeitos, oferecendo uma compreensão mais ampla e detalhada das realidades investigadas.

Após a delimitação do campo de pesquisa, passou-se a fazer a escolha dos sujeitos de pesquisa: mas, quem poderá participar? Como serão escolhidos esses sujeitos? De acordo com Minayo (2006), o pesquisador que trabalha com uma abordagem qualitativa não se deve preocupar tanto com a generalização e sim com o aprofundamento, a abrangência e a diversidade do grupo social, pois o seu critério de escolha não é numérico; ou seja, "uma amostra qualitativa ideal e a que reflete a totalidade das múltiplas dimensões do objeto de estudo".

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos de maneira intencional, com base em critérios específicos levando em consideração que estes profissionais estão diretamente envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Os critérios de inclusão: professores do 5º ano do ensino fundamental, ambos os sexos e professores que aceitassem participar da pesquisa. Adotou-se critérios de exclusão como: professores que não atuem na escola; professores que se recusarem a participar da pesquisa e professores que não atuem no 5º ano do ensino fundamental.

Neste estudo, optou-se por professores do 5º ano devido ao fato de que, nesse estágio do ensino fundamental, os alunos estão em um período crucial de desenvolvimento cognitivo e social, onde o uso das tecnologias digitais pode ter impactos significativos em suas habilidades de aprendizagem e comportamento. Os professores, portanto, estão na linha de frente, lidando diretamente com esses desafios e implementando práticas pedagógicas que visam o uso consciente das telas.

O lócus da pesquisa é formado por cinco turmas do 5º ano do Ensino Fundamental, todas ofertadas exclusivamente no turno da tarde. Vale destacar que, no Brasil, a Educação Básica é composta pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental dividido em Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e Anos Finais (6º ao 9º ano) e pelo Ensino Médio. Nesse contexto, as turmas pesquisadas integram os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, etapa em que são desenvolvidas competências essenciais para a formação acadêmica e social dos estudantes. Além disso, essas turmas contam com a atuação de cinco professores, que são responsáveis pelo ensino e desempenham um papel fundamental no processo educativo, orientando e acompanhando diretamente o desenvolvimento dos alunos.

Para efetivar este estudo, a coleta de dados foi realizada por meio de um conjunto de instrumentos, cuidadosamente selecionados para garantir uma compreensão abrangente e

detalhada do fenômeno em estudo. Foram utilizados: questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada, diário de bordo e observação.

O estudo em campo deu-se após o recebimento dos termos de autorização dos sujeitos de pesquisa e aceitação da gestão escolar para realização da pesquisa no ambiente escolar. Inicialmente, ocorreu a aplicação de um questionário sociodemográfico que buscou obter informações básicas sobre os participantes da pesquisa, como idade, gênero, formação acadêmica, tempo de experiência profissional, entre outros aspectos que permitiu traçar o perfil dos participantes, compreendendo suas características pessoais e profissionais. Esse instrumento fornece um plano de fundo essencial para a análise das demais informações coletadas.

Outro instrumento utilizado que é de suma importância para a coleta de informações no estudo de caso são as entrevistas. Deste modo escolheu-se a entrevista semiestruturada, que trata-se de um método de coleta de dados qualitativos que combina perguntas pré-definidas com a flexibilidade de explorar novos tópicos conforme surgem durante a conversa. Desta forma foi possível explorar de forma profunda as percepções, experiências e práticas dos professores em relação ao objetivo da pesquisa. A flexibilidade desse formato de entrevista possibilitou que os entrevistados expressassem livremente suas opiniões e reflexões, ao mesmo tempo em que permitiu aos pesquisadores aprofundarem questões emergentes durante a conversa.

O diário de bordo foi um instrumento valioso nesta pesquisa, no qual foi utilizado para documentar as impressões e mudanças de perspectivas que ocorreram durante a coleta de outros dados, oferecendo assim uma visão reflexiva e processual do estudo. Servindo como um registro contínuo das observações e reflexões ao longo da pesquisa realizada. Esse recurso permitiu documentar de maneira sistemática as interações e dinâmicas observadas em campo, bem como as percepções que surgiram durante a análise.

Por fim, a observação é um método de coleta de dados em que as pesquisadoras irão observar diretamente o comportamento dos sujeitos participantes e as interações que ocorrem em um determinado ambiente, sem interferir.

Desta forma as técnicas utilizadas foram fundamentais para captar as práticas pedagógicas em ação e as interações dos professores com os alunos no contexto real da sala de aula, permitiu uma análise direta e contextualizada dos fenômenos estudados, complementando as informações obtidas pelos outros instrumentos e proporcionando uma visão holística sobre o uso das tecnologias digitais na educação.

4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADO DA PESQUISA

A escolha da escola para estudo de campo se tornou relevante por não haver um laboratório de informática e por ter sido participante de um projeto realizado pela Controladoria Geral da União no qual o tema era “Cidadania Digital: Acesso e Educação para a Democracia”.

Com o objetivo de investigar como as percepções e práticas dos docentes em relação à cidadania digital na escola impactam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental diante do uso das telas, foi realizada a pesquisa com um grupo de professores do 5º da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Ana Maria da Silva Ramos, localizada na Rua Inspetor Aimoré, no bairro do Zerão, 68903-290, Macapá-AP, utilizou-se três etapas de pesquisa:

- Aplicação do questionário sociodemográfico;
- Entrevistas;
- Análise dos dados.

Para garantir a qualidade da coleta de dados, optou-se por realizar as entrevistas de forma individual e presencial, em um ambiente confortável dentro da instituição, para proporcionar uma melhor interação com os participantes da pesquisa. A escola conta com uma coordenadora que atuava nos dois turnos e cinco professores que atuavam como professores titulares das turmas de 5º ano do ensino fundamental.

Para dar início à pesquisa foi realizada uma organização prévia que incluiu visita à escola para avaliar a viabilidade da execução do estudo. Durante essa visita, teve-se a oportunidade de conversar com a coordenadora, que recebeu as pesquisadoras de maneira receptiva e garantiu o apoio necessário para a realização da pesquisa. Com a confirmação da coordenação, seguiu-se com o roteiro de investigação.

Em conjunto com a coordenação, entregou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos professores. O objetivo principal do TCLE foi assegurar que os participantes fossem devidamente informados sobre os detalhes da pesquisa antes de decidirem participar, garantindo, assim, a transparência do estudo, bem como a proteção dos direitos e a confidencialidade das informações fornecidas.

Durante essa conversa, percebeu-se que o tempo disponível para a coleta de dados seria limitado, uma vez que os professores só tinham o horário do lanche para responder às perguntas. Diante disso, decidiu-se por adequar-se aos horários disponíveis. A coleta dos depoimentos foi

realizada nas primeiras semanas de dezembro, conforme o cronograma de atividades estabelecido.

Todas as entrevistas foram audiogravadas, fazendo o uso do gravador de voz disponível no aparelho celular, para registro do áudio, de modo a permitir às pesquisadoras, a posterior transcrição. Ressalta-se que houve a devida autorização dos participantes, a fim de garantir a fidelidade dos depoimentos e facilitar a posterior transcrição e análise dos dados. A gravação permitiu uma escuta mais atenta, juntamente com anotações simultâneas, o que proporcionou um ambiente mais fluido e confortável para os entrevistados. Além disso, assegurou que nenhum detalhe importante fosse perdido durante as entrevistas, garantindo a precisão e a integridade das informações coletadas.

Esse método pode ser considerado complexo, pois, além da coleta dos dados, exige uma escuta atenta e a transcrição detalhada dos áudios. Esse processo durou cerca de dois meses, pois todos os participantes responderam de forma discursiva e com exemplos, o que acrescentou profundidade às respostas. A contribuição de cada participante foi essencial, pois proporcionou uma visão mais clara sobre suas percepções e práticas. O tempo dedicado à transcrição e à análise cuidadosa dos depoimentos foi necessário para garantir que as informações fossem registradas e interpretadas com precisão, assegurando a integridade dos dados.

Para análise inicial dos dados foi aplicado o questionário sociodemográfico para caracterizar o perfil dos professores participantes e compreender sua experiência profissional, nível de formação e uso de tecnologias digitais em sala de aula.

As perguntas abrangeram dados pessoais, como idade, gênero e escolaridade, além de informações sobre tempo de docência, disciplinas lecionadas e cargos de gestão ocupados. Além disso, buscou-se identificar a frequência e o contexto de uso das tecnologias no ensino, como os desafios enfrentados pelos docentes, como falta de recursos, capacitação e problemas de conectividade. Também foi abordada a percepção dos professores sobre o uso consciente das telas pelos alunos.

Os sujeitos participantes da pesquisa estão nomeados da seguinte forma: professores como P1, P2, P3, P4, P5, com objetivo de garantir a confidencialidade da pesquisa de acordo com o TCLE.

A idade dos professores varia entre 30 e 49 anos, quatro têm formação em Pedagogia e um em Educação Física e todos possuem alguma especialização/Pós-graduação lato sensu. Dos cinco entrevistados apenas três sujeitos de pesquisa têm mais de 10 anos de experiência como docente, enquanto os demais possuem de 1 a 7 anos e quanto ao tempo de trabalho na escola

varia entre 1 a 7 anos e nenhum dos participantes ocupa ou já ocupou cargos de coordenação ou direção.

Quanto ao uso de tecnologia digital nas salas de aula, todos os entrevistados marcaram em suas respostas que a utilizam de forma ocasional e voltada, principalmente, para apresentações expositivas (slides, vídeos e filmes).

Os principais desafios apontados pelos professores são a falta de recursos tecnológicos e problemas de conectividade, indicando que essas são as barreiras que os impede para que possam fazer o uso mais frequente da tecnologia na escola.

Ao serem abordados sobre a importância do uso consciente das telas pelos alunos, quatro professores responderam que reconhecem que é um tema importante, para o ensino-aprendizagem dos educandos, apenas um professor se mostrou contrário a temática.

O foco principal das entrevistas foi identificar as estratégias utilizadas pelos docentes para integrar o uso das telas em atividades de ensino, no intuito de promover a cidadania digital entre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

As perguntas foram voltadas para experiências e práticas docentes, uso das tecnologias em sala de aula, conscientização e formação. As entrevistas foram analisadas com base em categorias temáticas, conforme os principais aspectos abordados pelos participantes.

Neste estudo foi utilizado como técnica análise de conteúdo para tratar os dados que foram coletados por meio de entrevista, a qual evidencia a palavra como uma manifestação individual e contemporânea da linguagem, incorporando a prática linguística executada por remetentes identificáveis. Tem como finalidade entender os participantes ou o contexto em um instante específico, empregando elementos observáveis. Ademais, procura revelar o significado implícito das palavras examinadas, constituindo uma investigação em busca de outras realidades através das mensagens. Segundo Bardin (1977):

É o trabalhar a palavra e as significações que diferencia a análise de conteúdo da linguística, embora a distinção fundamental resida noutro lado. A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. (Bardin 1977, p. 44)

Nessa perspectiva a autora define três etapas a serem seguidas para a análise de conteúdo: a primeira, será a organização no qual os dados serão analisados, levando em consideração quais são relevantes. Segunda fase, a codificação, que se refere ao procedimento no qual os dados brutos passam por uma transformação sistemática para se tornarem uma descrição precisa das características relevantes do conteúdo, gerando as unidades de registro e

a unidade de contexto. A terceira é a categorização que envolve a classificação de elementos dentro de um conjunto, inicialmente por meio de diferenciação e, em seguida, por reagrupamento com base no gênero (por analogia), utilizando critérios predefinidos.

A análise de conteúdo permite interpretar as mensagens declaradas pelos participantes da pesquisa, revelando padrões, significados e relações implícitas. A seguir, a categorização das respostas segundo os eixos temáticos identificados na entrevista:

3.1 EXPERIÊNCIA DOCENTE E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Ao abordá-los sobre suas experiências no 5º ano, quatro responderam que gostam e se identificam com a série, apenas a professora P1, que relatou ser a primeira vez lecionando no 5º ano e estava sendo um grande desafio.

Ao serem questionados se durante a formação acadêmica, haviam estudado sobre o uso das tecnologias digitais aplicadas à educação. Dos cinco sujeitos entrevistados apenas três receberam formação acadêmica sobre tecnologias na educação, evidenciando lacunas na preparação docente para o uso pedagógico das telas. A descrição feita por um dos entrevistados reforça essa realidade: “eu me formei em 2003, então, assim, não tinha quase nada sobre esse assunto naquela época” (Professora P1). Essa carência formativa pode impactar diretamente a prática pedagógica, dificultando a incorporação das tecnologias de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Martins (2012) justifica que:

A questão do domínio tecnológico por parte dos educadores, da não utilização das tecnologias digitais nos processos educacionais, pode ser justificada em função da cultura em que tais educadores foram criados, a cultura da oralidade, da escrita e da mídia de massa. (Martins, 2012, p. 125).

Dessa forma, a ausência de uma preparação inicial para o uso das tecnologias exige que os professores busquem capacitação contínua, garantindo que suas práticas pedagógicas estejam alinhadas com as novas exigências educacionais.

Essa necessidade de atualização constante se torna ainda mais evidente quando se considera que apenas a utilização de equipamentos tecnológicos na escola não garante, por si só, uma transformação significativa no ensino. Como enfatiza Martins (2012, p.131) “o acesso significativo às tecnologias abrange muito mais do que fornecer computador e conexão à internet”. Isso significa que, além da infraestrutura tecnológica, é essencial investir na formação dos professores para que saibam utilizar esses recursos de maneira pedagógica e funcional.

Nesse sentido, a formação continuada se apresenta como um caminho essencial para suprir essa lacuna, em sua pesquisa Martins (2012) alega:

A urgência da inclusão digital dos formadores dos professores, se faz necessária, uma vez que, a escola não se encontra em sintonia com a emergência do mundo contemporâneo. Essa nova modalidade comunicacional, está batendo na porta da escola, na porta da sala de aula do professor, convidando-os a sair da transmissão linear do conhecimento e adentrar no mundo digital. (Martins, 2012, p.131)

Sendo assim, mais do que ensinar os professores a operar ferramentas tecnológicas, é fundamental capacitá-los para uma ressignificação da prática pedagógica, garantindo que o uso das tecnologias ocorra de maneira crítica.

3.2 USO E APLICAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Os entrevistados relataram que utilizam tecnologias digitais ocasionalmente, principalmente para apresentações expositivas, como slides e vídeos. Alguns também mencionaram o uso para atividades interativas, como jogos e quizzes. Como destacado pelos professores:

P2: Utilizo tecnologia para exibir os conteúdos e, às vezes, para atividades interativas, mas de forma limitada devido à infraestrutura da escola.

P3: Às vezes a criança não consegue entender o que eu estou passando. Aí, com o vídeo, com o filme, ela consegue compreender uma coisa que eu não estou conseguindo passar para ela. Então, é importante. (P2 e P3, áudio transcrição, 2025).

No entanto, a adoção dessas ferramentas no ensino ainda enfrenta desafios estruturais que impactam diretamente sua eficácia. Além da necessidade de formação docente, a precariedade da infraestrutura escolar dificulta a utilização contínua e eficiente das tecnologias. Como relatado por outros professores:

P5: Tenho um conhecimento bom. Eu consigo utilizar vídeos, consigo utilizar o projetor, até a lousa mesmo digital a gente utilizava quando elas funcionavam. Mas a falta de manutenção atrapalhou um pouquinho o nosso uso delas. E também a nossa instalação elétrica não é adequada. Então, alguns equipamentos tiveram defeitos. O uso do computador, eu sempre utilizo, às vezes eu trago de casa o meu computador para poder fazer atividade com eles. Como estava funcionando só o projetor das lousas, aí eu estava trazendo o meu computador para poder trabalhar com eles na sala de aula.

P3: Eu me identifico também, eu consigo trabalhar com as tecnologias. Tenho uma facilidade. [...] O acesso à internet, às vezes, é complicado. Na minha sala, como fica lá para trás, dificulta o acesso. (P5 e P3, áudio transcrição, 2025).

Esses depoimentos evidenciam que, mesmo dominando o uso das tecnologias, os docentes enfrentam dificuldades devido à falta de suporte técnico e à precariedade dos equipamentos disponíveis. A ausência de manutenção e problemas estruturais, como falhas na rede elétrica, limitam o uso de tais ferramentas e exigem que os professores improvisam soluções, como trazer seus próprios dispositivos para garantir o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

A prática relatada pela professora P4, ao permitir que os alunos utilizem seus celulares de forma orientada e com finalidades pedagógicas, está em consonância com os princípios estabelecidos pela Lei nº 15.100, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Digital. Essa legislação enfatiza a necessidade de promover a integração das tecnologias digitais ao cotidiano escolar, incentivando o uso consciente e pedagógico dos dispositivos tecnológicos como forma de potencializar a aprendizagem e desenvolver competências digitais entre os estudantes.

P4: Porque a minha turma, eu permito que tragam celular. Aí eles têm horário. Quem traz celular, a escola disponibiliza o wi-fi. Aí quem está com o celular já coloca os quizzes, ele só me mostra o resultado. (P4 áudio transcrição, 2025).

Essa abordagem permite uma compreensão mais eficaz dos conteúdos abordados em sala de aula, rompendo com o modelo tradicional de ensino. Dessa forma, os estudantes não apenas interagem de maneira mais ativa, mas também desenvolvem o uso consciente da tecnologia, aproveitando-a como um recurso para a construção do conhecimento.

Com as mudanças nas maneiras de se comunicar e obter informações, utilizar somente os métodos tradicionais de ensino se torna obsoleto. O avanço tecnológico e a digitalização da sociedade demandam novas abordagens pedagógicas que contemplem o uso de recursos interativos e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Segundo Bacich e Moran (2018)

Os estudantes que estão, hoje, inseridos nos sistemas de educação formal requerem de seus professores habilidades, competências didáticas e metodológicas para as quais eles não foram e não estão sendo preparados. [...] É preciso reinventar a educação, analisar as contribuições, os riscos e as mudanças advindas da interação com a cultura digital, da integração das TDIC, dos recursos, das interfaces e das linguagens midiáticas à prática pedagógica, explorar o potencial de integração entre espaços profissionais, culturais e educativos para a criação de contextos autênticos de aprendizagem mediatizados pelas tecnologias. (Bacich; Moran, 2018, p. 16)

Explorar tais espaços requer um olhar crítico e reflexivo por parte dos educadores, que devem estar preparados para integrar as TDICs de forma planejada e significativa. Isso implica não apenas no domínio técnico das ferramentas, mas também na

compreensão pedagógica de como utilizá-las para promover aprendizagens ativas e contextualizadas.

3.3 IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA APRENDIZAGEM

A introdução de tecnologias digitais nas escolas tem alterado significativamente a forma como os alunos aprendem. Os professores têm observado que, quando os estudantes têm acesso a conteúdo que incentivam a interação, há um aumento na sua participação e interesse. Recursos como vídeos, jogos e plataformas educacionais tornam as aulas mais dinâmicas e interessantes, criando novas formas de interação e aprendizagem. Como mencionou a maioria dos professores:

P2: Ah, eles gostam muito, né? Porque sai da rotina deles. Sai ali do escrever, sai ali da atividade xerocada. Então, assim, eles interagem mais. Facilita o nosso repasse de conhecimento para eles. Sim, entendo. É algo novo, assim, que eles gostam, né? Diferente.

P5: A participação deles é maior com a tecnologia. Eles participam bem mais. Eles ficam mais animados, mais ansiosos. Principalmente quando a gente traz a tecnologia e faz algum tipo de competição entre eles, as coisas ficam mais interessantes para eles. Se torna algo novo, porque às vezes tem alunos que não tem. Até isso, a gente estava falando da criança.

P4: Eles ficam mais eufóricos. Eles ficam mais felizes. Quando é mais da forma tradicional, eles ficam reclamando, aí, quando é a vez do quiz sempre interagem. (P2, P5, P4, áudio transcrição, 2025).

Esses relatos mostram que o uso de tecnologias pode tornar o aprendizado mais interessante e conectado com o cotidiano dos alunos, oferecendo uma experiência diferente do habitual. Os alunos se mostram mais receptivos ao conhecimento quando ele foge da rotina de tarefas repetitivas, como copiar atividades do quadro, resolver questões do livro didático e o momento da aula se torna mais interativo. Segundo Bacich e Moran (2018)

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. (Bacich; Moran 2018, p. 16)

Contudo, apesar das vantagens, os professores também observam que o uso excessivo de tecnologias pode trazer alguns obstáculos. Um dos pontos que têm preocupado os educadores

é a dificuldade dos alunos em manter a concentração por períodos mais longos e em desenvolver um raciocínio mais crítico. Como mencionado pelos professores:

P1: Tem umas pesquisas aí que falam, que quando a pessoa está jogando ou está vendo esses vídeos, o cérebro está sendo muito estimulado, e quando tira, acaba sendo prejudicial, por conta dessa situação, desse estímulo, desse super estímulo das tecnologias e quando é cortado prejudica. Então, aí eu vejo nesse ponto que pode ser prejudicial para o aprendizado. E, assim, coincidência ou, mas a gente sempre comenta entre os colegas, que parece que as crianças de hoje em dia, do quinto ano, têm uma preguiça de raciocinar.

P3: A tecnologia tem um lado positivo e negativo. O positivo é que, se ela for usada realmente para pesquisa, para o estudo, ela é maravilhosa. Ela contribui muito para o aprendizado da criança. Mas, se for utilizada apenas para redes sociais, como Facebook e Instagram, aí já se torna mais complicado. Eu não vejo tanto benefício para a aprendizagem deles.

P5: Eles passam mais tempo em redes sociais e jogos do que estudando, do que lendo, propriamente dito. Eu tenho um relato de uma aluna que passava tanto tempo nas redes sociais, assistindo vídeos no *Kwaii*, que às vezes ficava acordada a noite inteira, dormindo apenas 3 ou 4 horas da manhã. Quando chegava na escola, dormia a manhã toda em sala de aula. Ela passa a noite nas redes sociais, principalmente aos finais de semana, quando fica mais à vontade. Quando chega na segunda-feira, dorme a manhã toda em sala de aula. (P1, P3, P5, áudio transcrição, 2025).

A constante exposição a conteúdos rápidos e fragmentados, como os vídeos curtos e as postagens em redes sociais, afetam a capacidade dos estudantes de se aprofundarem em temas ou de pensar de forma mais crítica sobre o que estão aprendendo. De acordo com os dados do relatório do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA BRASIL) que avalia 81 países, concluiu-se que:

Em 2022, cerca de 32% dos estudantes no Brasil relataram que não conseguem concluir bem a maioria ou todas as tarefas (média da OCDE: 23%); 38% dos estudantes não ouvem o que o professor diz (média da OCDE: 30%); 45% dos estudantes se distraem usando dispositivos digitais (média da OCDE: 30%); e 40% se distraem com outros estudantes que estão usando dispositivos digitais (média da OCDE: 25%). (PISA BRASIL, 2022, p. 13).

Tais dados evidenciam um cenário alarmante, pois a dispersão de atenção dos alunos compromete a qualidade do aprendizado, dificultando o desenvolvimento de habilidades cognitivas. A dependência de dispositivos digitais, que muitos consideram uma ferramenta de facilitação, tem se mostrado uma fonte significativa de distração, afetando negativamente a concentração dos estudantes durante o processo educativo.

Desse modo, é importante que as tecnologias sejam usadas com equilíbrio e de maneira estratégica nas aulas. Embora elas possam ser ferramentas valiosas para tornar o ensino mais atrativo, é fundamental que os educadores integrem essas tecnologias com métodos que incentivem o raciocínio e a reflexão, ajudando os alunos a desenvolverem habilidades essenciais, como a interpretação e a capacidade de argumentação.

Assim, o impacto da tecnologia na aprendizagem está diretamente relacionado à forma como ela é utilizada na educação. Quando bem aplicada, pode contribuir para um aprendizado mais significativo. No entanto, é necessário um cuidado constante para garantir que o uso das tecnologias não prejudique o desenvolvimento cognitivo dos alunos, e sim amplifique suas capacidades de pensar e aprender de maneira mais profunda e reflexiva.

3.4 . CIDADANIA DIGITAL E O PAPEL DA ESCOLA

A cidadania digital também está ligada à aplicação de princípios relacionados a responsabilidades e comportamentos éticos ao utilizar tecnologias digitais e conviver em ambientes digitais, bem como conscientizar dos impactos do uso excessivo na saúde mental e no bem-estar.

Desta forma o papel da escola é de suma importância para pôr em prática nas salas de aula a aplicabilidade desses direitos e deveres que envolve o uso responsável, crítico e seguro no qual os alunos e futuros cidadãos devem possuir ao fazer parte desse mundo digital. Sendo assim o documento Saberes Digital aponta para questões norteadora para essa prática pedagógica como:

Identificar e explicar os aspectos legais e éticos relacionados ao uso de tecnologias digitais para uma convivência respeitosa na internet, para questões de direitos autorais, direitos de imagem e o impacto do uso excessivo de tecnologias na saúde mental e no bem-estar para si, para os estudantes e demais atores da comunidade escolar. (Brasil, 2023).

Durante as entrevistas foi perguntado para os participantes o conceito de cidadania digital, e o que conseguiu analisar por meio das explicações de cada um e que ambos possuem um entendimento sobre o tema, algumas respondiam de forma direta e outras obtinham um conhecimento mais aprofundado. Apresentando que o conceito de cidadania digital é pouco difundido entre os docentes, sendo mencionado apenas superficialmente. Alguns participantes responderam de forma objetiva, enquanto outros forneceram informações mais relevantes para a pesquisa:

P1: Eu pesquisei um pouco. Devido ao projeto que ocorreu na escola promovido pela União. Então, o que eu tenho é bem raso sobre a questão que eu pesquisei na época para mostrar para eles a democratização das informações

P3: cidadania digital é todos terem acesso à tecnologia’.

P4: Sim. Na verdade, eu sou acadêmico de direito também. Passo bastante informação com relação a cidadania digital, a questão da produção de dados. Principalmente com

relação à rede social, que eles têm acesso já, boa parte deles tem acesso à rede social. (P1, P3, P4, áudio transcrição, 2025).

Diante disso, foi perguntado se a escola oferecia formação para professores sobre o uso pedagógico das tecnologias. As respostas obtidas revelam que há uma carência de capacitação por parte da escola sobre o uso pedagógico das telas, mas os professores recebem cursos realizados por meio da Secretaria Municipal de Educação proporcionando algumas contribuições, para aqueles que não possuem nenhum tipo de curso voltado para a informática básica. O docente deve buscar a melhoria contínua de sua formação, mas para que isso seja possível, é essencial que haja investimentos em políticas públicas voltadas à capacitação contínua dos professores.

Em relação ao papel do professor e da escola no contexto das tecnologias digitais na educação, os professores entrevistados indicaram que ambos precisam evoluir. Apenas dois entrevistados fazem a busca para utilizarem as ferramentas digitais de forma pedagógica nas suas aulas por conta própria.

A formação da cidadania digital, um aspecto crucial no cenário educacional atual, envolve tanto a escola quanto a família, sendo uma responsabilidade compartilhada entre esses dois agentes. No ambiente educacional contemporâneo, onde as tecnologias digitais permeiam todos os aspectos da vida rotineira, é essencial que tanto educadores quanto pais estejam preparados para orientar os jovens sobre o uso consciente e ético das ferramentas digitais. Segundo Almeida (2020, p. 45): “A formação da cidadania digital não é apenas tarefa da escola, mas deve ser uma parceria constante com a família, pois ambas as instituições têm papéis fundamentais na construção de uma sociedade mais crítica e responsável no ambiente digital”.

De acordo com os entrevistados, todos identificam a escola como principal responsável por promover a cidadania digital, dada a falta de orientação das famílias. O que demonstra que os professores reconhecem a importância do uso consciente das telas pelos alunos, com isso buscam orientar seus alunos sobre os perigos virtuais, conteúdos impróprios, exposição em excesso. Percebem efeitos negativos no comportamento e aprendizado dos alunos, como impaciência, dificuldade de concentração e raciocínio superficial.

Alguns professores relataram que possuem dificuldades em controlar o uso excessivo das telas, tanto na escola quanto em casa, sugerindo a necessidade de estratégias pedagógicas mais eficazes. Isso aparece em falas como:

P5: Os alunos passam muito tempo no celular, muitas vezes focados em jogos como Free Fire e redes sociais, o que afeta o interesse nos estudos.

P1: Eu realmente converso bastante com eles, sabe? Qualquer situação que surge em sala de aula, eu faço questão de discutir bastante. Acho que foi no semestre passado que tivemos uma conversa importante. Expliquei a eles sobre como a internet funciona e, além disso, enfatizei a importância da cidadania digital. (P1, P1, áudio transcrição, 2025).

A partir das duas falas, é possível observar que existe uma preocupação com o uso de tecnologia por parte dos alunos e seus possíveis impactos negativos. Enquanto a professora P5 aponta o problema da distração e seus efeitos nos estudos, P1 apresenta uma abordagem educativa, buscando conscientizar os alunos sobre o uso responsável da internet e a importância da cidadania digital.

A discussão que ambas colocam apontam para soluções que envolvem o diálogo e a educação para promover um uso mais consciente e equilibrado da tecnologia por parte dos alunos. A combinação das duas perspectivas sugere uma necessidade de intervenções que vão além da simples restrição do uso de celulares, buscando engajar os alunos em uma reflexão crítica sobre seus hábitos digitais e suas responsabilidades como cidadãos na era digital.

Portanto, as questões levantadas pelas professoras P1 e P5 são relevantes e urgentes. Ressalta-se que esta pesquisa foi baseada em uma amostra pequena de participantes, e os resultados podem não ser generalizáveis para outras realidades.

No entanto, as tendências identificadas podem servir como ponto de partida para futuras pesquisas e intervenções que visem promover o uso ético e responsável das tecnologias digitais na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As literaturas sobre o uso consciente das telas por crianças, mostram que não somente os responsáveis tem como papel de orientar e fiscalizar a utilização dos dispositivos pelo público infantojuvenil. A escola, como instituição responsável pela formação integral dos cidadãos, torna-se indispensável em promover orientações dos direitos e deveres existentes no mundo tecnológico, para isto, é essencial que os docentes sejam capacitados para integrar em suas práticas de sala de aula novas metodologias que sejam pertinentes à abordagem do tema.

A presente pesquisa teve como propósito investigar como as percepções e práticas dos docentes em relação à cidadania digital na escola afeta o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I diante do uso das telas. Buscando compreender de que forma os professores lidam com os alunos enquanto o uso das telas e como isso influencia em suas práticas pedagógicas. Para isso, foi utilizado o estudo de caso para analisar as estratégias aplicadas pelos professores para integrar o uso dos celulares ao ensino e possibilitando a cidadania digital entre os educandos.

De acordo com as análises realizadas, o estudo em tela se correlaciona com a Lei n. 15.100/2025 que proíbe o uso dos celulares nas escolas. Percebeu-se que o aparelho usado de forma correta para fins pedagógicos e com as devidas orientações, torna-se uma ferramenta valiosa para os professores explorarem novas metodologias e recursos educacionais, possibilitando uma abordagem mais dinâmica e interativa, que pode melhorar a participação dos alunos e facilitar a personalização do ensino.

Com os relatos observou-se sobre a importância da formação continuada para professores para o uso de tecnologias digitais na educação. Para isso, é necessário que estejam conectados às possibilidades de incorporação da tecnologia nesses processos e preparados para utilizá-la e adaptá-la à sua prática docente.

No período da pandemia da Covid-19, se intensificou o uso de meios digitais para suprir a necessidade educacional, onde as aulas passaram a ser *online* e os aparelhos eletrônicos foram utilizados para transmissão de atividades escolares. Muitos alunos que não possuíam o aparelho celular começaram a adquiri-los, crianças passaram a utiliza-lo também como forma de entretenimento. A pandemia encerrou, mas os aparelhos se tornaram fixos na vida de jovens, adolescentes e crianças.

A migração emergencial para o ensino remoto mostrou que muitos professores não estavam familiarizados com plataformas digitais, metodologias ativas e recursos interativos, tornando o processo de ensino-aprendizagem ainda mais complexo.

A análise das respostas evidencia um panorama de dificuldades e oportunidades no uso das tecnologias na educação. Os docentes entrevistados reconhecem os benefícios das telas quando bem aplicadas, mas enfrentam dificuldades devido à falta de formação e estratégias pedagógicas. A necessidade de maior capacitação e diretrizes institucionais claras se destaca como ponto central para aprimorar a cidadania digital dos alunos.

Por meio do estudo, observa-se que os professores enfrentam múltiplos desafios quanto a utilização de mecanismos digitais para o complemento das aulas, tanto a falta de educação continuada, quanto a precariedade da infraestrutura da instituição, a disponibilidade de acesso à internet que é instável, pois muitas vezes não funciona de forma contínua, a ausência de uma sala que ofereça suporte tecnológico para serem utilizados com os educandos, acabam reforçando a utilização de métodos tidos como tradicionais de ensino.

Para suprir as necessidades da atualidade, o docente deve estar inserido nos meios digitais e entender sobre as leis e fundamentos que regem a cidadania digital, e dessa forma, conseguir utilizá-las de maneira efetiva no ensino.

Além disso, é essencial compreender que a resistência ao uso das tecnologias não deve ser vista apenas como uma falha individual dos professores, mas sim, como um reflexo das limitações impostas pelo próprio sistema educacional. A formação inicial e continuada do professor, precisa integrar, de maneira eficaz, o desenvolvimento de competências digitais, preparando os docentes para inovar em suas práticas pedagógicas e aproximar-se da realidade dos alunos, que já estão imersos no universo digital.

De acordo com os dados coletados junto aos professores, destacaram que os alunos interagem mais quando está sendo utilizado um método ativo de ensino, tornando-os protagonista do processo de aprendizagem. A utilização de métodos como a gamificação, elaboração de projetos e o uso de tecnologias digitais são alternativas para aumentar a participação dos alunos.

Embora os docentes reconheçam a relevância da cidadania digital, suas práticas ainda são limitadas pela infraestrutura precária e pela carência de capacitação continuada. A escola exerce um papel central na promoção desse tema, mas depende de políticas públicas que articulem investimentos em tecnologia, formação docente e envolvimento das famílias.

Destaca-se a necessidade de estratégias pedagógicas que equilibrem o uso atrativo das telas com metodologias que estimulem a reflexão ética e crítica dos alunos.

Como melhorias imediatas, propõe-se parcerias com instituições públicas para ampliar o acesso a recursos tecnológicos na escola estudada e a criação de oficinas periódicas para docentes, focadas em metodologias ativas que integrem cidadania digital às disciplinas curriculares.

A pesquisa contribui como uma amostra de que atualmente o uso das telas desregrado é um fator prejudicial ao desenvolvimento humano, portanto, se faz necessário maior atenção na educação das crianças. Portanto, espera-se que este estudo traga subsídios para a comunidade acadêmica e incentive novas reflexões sobre cidadania digital, visto que ainda tem poucas pesquisas realizadas voltadas para a temática discutida neste estudo.

Essa constatação reforça a existência de uma lacuna na literatura acadêmica, especialmente no que se refere à abordagem da cidadania digital no contexto escolar e no Ensino Fundamental, o que evidencia a necessidade de mais investigações que aprofundem esse campo e contribuam para práticas pedagógicas mais críticas e atualizadas frente às demandas do mundo digital. Além disso, o aumento na digitalização da sociedade precisa de um olhar voltado para os impactos que as utilizações indevidas dos meios digitais trazem para o ambiente escolar, visto que é uma realidade presente no dia-a-dia dos educandos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José. **A cidadania digital na educação: desafios e práticas**. São Paulo: Editora Educação, 2020.
- AZEVEDO S. D.; et. al. Letramento Digital: Uma reflexão sobre o mito dos “Nativos Digitais”. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 615–625, 2018.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. **Revista Penso**, Porto Alegre, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edição 70, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Notas sobre o Brasil no Pisa 2022**. Brasília, DF: Inep, 2023. Acesso em: 11 março.2025.
- BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Veda o uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante aulas, recreios e intervalos em todas as etapas da educação básica. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 16 fev.2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes digitais docentes**. Camilo Sobreira de Santana (Ministro de Estado da Educação); Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt (Secretaria de Educação Básica). Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <https://instituto.sesirs.org.br/areaatuacao/observatorio-da-educacao/>. Acesso em: 01 set. 2024.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças**. São Paulo, Vestígio, 2021. Tradução de Mauro Pinheiro. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9433> Acesso em: 23 ago. 2024.
- FLICK, UWE. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed. Tradução: Joice Elias Costa; Revisão técnica Sonia Elisa Caregnato, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- GARCIA, R.M; MARQUES, L. **Jogos e Passeios Infantis**. São Paulo: Kuarup, 1990
- GARCIA, Wilton. Corpo e tecnologia na sala de aula: estudos contemporâneos. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA/USP, ano XV, n. 3, pp. 39-46, set./dez. 2010

KIM J.H. **Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural**. Horiz antropol [Internet]. 2004 Jan:199–219.

LEGISLAÇÃO FEDERAL: **Lei nº 14.811, DE 12 de Janeiro de 2024**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 01 de Set. 2024

LEMOS, A.C., P. (orgs). (2003). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p. Tradução de Carlos Irineu da Costa.

MARSHALL, Thomas Humprey. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTINS, Norma Sueli. Inclusão digital: desafios e reflexões teóricas na formação de professores no mundo contemporâneo. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 258–274, 2012.

MCCRINDLE, Mark. **The ABC of XYZ: Understanding the Global Generations**. Tradução Própria. McCrindle Research Pty Ltd – Austrália, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. rev. e aprim. São Paulo: Hucitec, 2006.

NEVES, B.B. **Cidadania Digital? Das cidades digitais a Barack Obama. Uma abordagem crítica**. Rev. Cidadania Digital, 143-188, jun. 2010.

NONATO, E R. S.; CAVALCANTE, T. R. **Cultura digital, ensino remoto emergencial e formação continuada de professores da educação básica: as lições da pandemia da COVID-19**. Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 31, n. 65, p. 19-41, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n65.p19-41>. Acesso em: 15 de set. 2024.

NOVAES, S. **Perfil geracional: um estudo sobre as características das gerações dos Veteranos, Baby Boomers, X, Y, Z e Alfa**. São Paulo: Anais do VII SINGEP, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. OMS **divulga recomendações sobre uso de aparelhos eletrônicos por crianças de até 5 anos**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br> Acesso em: 20 de Janeiro 2025

PLANALTO: **Política Nacional de Educação Digital: Lei Nº 14.533, de 11 de Janeiro de 2023**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 17 Abril 2023.

PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants**. Tradução Própria. **On the horizon**, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001.

SANTAELLA, L. **Implicações humanas das tecnociências. Estudos Avançados**, v. 38, n. 110, p. 5-18, 2024. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-0681-6073> . Acesso em: 5 out. 2024.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo, Paulus. 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. Cortez São Paulo:1. ed. 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Menos Telas, Mais Saúde: Manual de Orientação – Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**. 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br>. Acesso em: 7 out. 2024.

STAKE, Roberto. **Análise de estudo de caso múltiplo**. Tradução própria. Nova York: The Guilford Press, 2006.

YIN, ROBERT K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2016. Tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Dirceu da Silva.

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PROFESSOR (A)/COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO

De acordo com a resolução 466/2012, através deste termo convidamos o (a) Sr. (a) a participar da pesquisa intitulada: “CIDADANIA DIGITAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES PARA ESTIMULAR O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DO USO DAS TELAS” que tem como objetivo: investigar como as percepções e práticas dos docentes em relação à cidadania digital na escola impactam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental diante do uso das telas, contribuindo para reflexões sobre práticas pedagógicas eficazes relacionadas ao uso consciente das tecnologias digitais em sala de aula.

Para sua colaboração, será necessário que o (a) senhor (a) se disponibilize a responder as perguntas em forma de entrevista, que serão aplicadas presencialmente, respeitando sua disponibilidade e dentro dos horários de atendimento da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Ana Maria Da Silva Ramos. As informações serão tratadas de forma sigilosa e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Sua participação é voluntária, e terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa ou dela desistir a qualquer momento, sem que isto lhe gere prejuízos.

O (a) Senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/ e-mail dos pesquisadores responsáveis, e da orientadora do trabalho, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima, sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Os pesquisadores certificaram que todos os dados coletados nesta pesquisa são confidenciais. Em caso de dúvidas poderei chamar as responsáveis do projeto nos telefones abaixo informados.

Declaro estar de acordo em participar da pesquisa, assim como, informo que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Macapá-AP, _____ de _____ de 2024.

Participante da Pesquisa

Brenda Tainara Gadelha Cavalcante
Pesquisadores responsáveis
Cel. (96) 98109-4548
E-mail: brendacavalcantebg@gmail.com

Caylane Martins Campos
Pesquisadores responsáveis
Cel. (96) 98137-8151
E-mail: Caylanemartins02@gmail.com

Dr.^a Elda Gomes Araújo
Orientadora responsável
Cel. (96) 99971-2081
E-mail: elda@unifap.br

APÊNDICE II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Instruções: Por favor, responda às perguntas abaixo, marcando a opção correspondente ou preenchendo os espaços indicados.

1. Dados Pessoais**1. Gênero:**

- () Feminino
- () Masculino
- () Outro
- () Prefiro não responder

2. Idade:

- () 20-29 anos
- () 30-39 anos
- () 40-49 anos
- () 50-59 anos
- () 60 anos ou mais

3. Estado Civil:

- () Solteiro(a)
- () Casado(a)
- () Divorciado(a)
- () Viúvo(a)
- () Outro: _____

4. Nível de Escolaridade:

- () Licenciatura
- () Especialização/Pós-graduação lato sensu
- () Mestrado
- () Doutorado
- () Outro: _____

5. Área de Formação:

- () Pedagogia
- () Letras
- () Matemática
- () História
- () Geografia
- () Ciências
- () Educação Física
- () Outra: _____

6. Tempo de Experiência como Professor (a):

- () Menos de 1 ano
- () 1-3 anos
- () 4-7 anos
- () 8-10 anos
- () Mais de 10 anos

7. Tempo de Experiência na Escola Atual:

- () Menos de 1 ano
- () 1-3 anos
- () 4-7 anos
- () 8-10 anos
- () Mais de 10 anos

8. Você já ocupou ou ocupa algum cargo de coordenação ou direção na escola?

- () Sim, atualmente
- () Sim, no passado
- () Não

9. Número de Turmas que Leciona:

- () 1 turma
- () 2 turmas
- () 3 turmas
- () 4 ou mais turmas

10. Disciplina (s) que Leciona:

- () Língua Portuguesa
- () Matemática
- () Ciências
- () História
- () Geografia
- () Educação Física
- () Outra: _____

11. Turno de Trabalho:

- () Matutino
- () Vespertino
- () Integral
- () Outro: _____

12. Você utiliza tecnologia digital (ex: computadores, tablets, aplicativos) em suas aulas?

- () Sim, frequentemente
- () Sim, ocasionalmente
- () Não, mas gostaria de usar
- () Não, e não pretendo usar

13. Em que contexto você mais utiliza a tecnologia nas suas aulas?

- () Para apresentação de conteúdo (ex: slides, vídeos)
- () Para atividades interativas (ex: quizzes, jogos educativos)
- () Para pesquisa e consulta
- () Não utilizo tecnologia nas aulas
- () Outro: _____

14. Quais são, na sua opinião, os principais desafios relacionados ao uso de tecnologia na sala de aula? (Marque todas as que se aplicam)

- () Falta de recursos tecnológicos
- () Falta de capacitação para o uso de tecnologia
- () Desinteresse dos alunos
- () Problemas de conectividade
- () Outro: _____

Você acredita que o uso consciente das telas pelos alunos é uma questão importante?

- () Sim
- () Não
- () Não tenho certeza

16. Gostaria de compartilhar mais alguma informação, você acredita que o uso consciente das telas pelos alunos é uma questão importante? Qual sua experiência ou opinião em relação ao uso de tecnologia em sala de aula?

APÊNDICE III

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA – PROFESSORES

ENTREVISTADO Nº _____

Nome: _____

Escola: _____

Entrevista:

Experiências e práticas docentes

- Como você descreveria sua experiência como professor (a) do 5º ano?

Uso de Tecnologias na Sala de Aula

- Durante sua formação acadêmica você estudou sobre o uso das Tecnologias Digitais aplicada à educação?
- Como você avalia seu conhecimento sobre as Tecnologias Digitais na educação?
- Você fez algum curso para aprender a utilizar algumas ferramentas básicas de informática?
- Caso positivo, esse curso foi útil para a sua formação docente?
- Como você utiliza a tecnologia em suas aulas?
- Quais ferramentas digitais você utiliza com mais frequência?
- Em sua opinião, quais são os principais benefícios e desafios de usar tecnologias digitais com alunos do 5º ano?
- Como você percebe a diferença na interação dos alunos quando utiliza tecnologias em suas aulas, em comparação com quando não as utiliza?

Conscientização e Formação

- Você tem conhecimento sobre o conceito de cidadania digital?
- A formação para a cidadania digital da criança é uma responsabilidade da escola ou da família?
- Em algum momento, você precisou orientar seus alunos sobre o uso consciente das telas?
- Como ocorreu essa orientação? Os alunos interagiram?
- A escola oferece algum tipo de formação ou suporte para que os professores lidem com o uso das tecnologias na sala de aula?
- Como isso tem influenciado sua prática?
- Você identifica algum perigo quanto ao uso de tela por crianças?
- Caso positivo, quais os perigos?
- Como você acredita que isso afeta o aprendizado dos alunos?

Percepções e Sugestões

- Você acredita que o uso consciente das telas pelos alunos é uma questão importante? Por quê?

APÊNDICE IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – COORDENADORES

ENTREVISTADO Nº _____

Nome: _____

Entrevista:**Experiências e práticas da coordenação**

- Como você avalia o uso das tecnologias digitais na escola, especialmente nas turmas do 5º ano?
- Quais são os principais objetivos pedagógicos relacionados ao uso das telas?
- Quais políticas ou diretrizes a escola implementou para orientar o uso das tecnologias em sala de aula?

Formação e Suporte aos Professores

- Para você o que é cidadania digital?
- Como a promoção da cidadania digital e o uso consciente das telas podem ajudar a prevenir ataques nas escolas?
- A formação para a cidadania digital da criança é uma responsabilidade da escola ou da família?
- Quais tipos de formação continuada ou suporte a escola oferece aos professores para o uso das tecnologias?
- Caso ofereça formação, como você avalia a eficácia dessas ações?

Desafios e soluções

- Quais são os principais desafios que você identifica em relação ao uso das tecnologias na escola?
- Como a coordenação tem enfrentado esses desafios?
- Como você vê o papel dos professores na promoção do uso consciente das telas?
- Você considera importante a implementação de ações pedagógicas voltadas para temáticas sobre tecnologias na educação?

Impacto e futuro

- Você observa que, mesmo após a pandemia, alguns professores ainda enfrentam dificuldades em integrar as ferramentas tecnológicas em suas práticas pedagógicas?
- Quais são as suas expectativas para o futuro em relação ao uso de tecnologias na escola?
- Há algum plano ou projeto em desenvolvimento para melhorar essas práticas?